

ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO PARDO



**DA ARQUEOLOGIA COMUNITÁRIA
À ARQUEOLOGIA CIENTÍFICA E PATRIMONIAL**

Marina Amanda Barth

www.celestedummer.com.br

ARQUEOLOGIA NO VALE do Rio PARDO:

**DA ARQUEOLOGIA COMUNITÁRIA
À ARQUEOLOGIA CIENTÍFICA E PATRIMONIAL**

Marina Amanda Barth

www.celestedummer.com.br

Imagem

Fotos acervo Museu Mauá, CEPA/UNISC, CEDOC/UNISC,
Imagem capa Wikipédia (Montagem capa: Leonardo Cardoso)

B284a Barth, Marina Amanda
Arqueologia no vale do Rio Pardo [recurso eletrônico] : da
arqueologia comunitária à arqueologia científica e patrimonial / Marina
Amanda Barth. – [S.l.] : [s.n.], 2014.

Dados eletrônicos.

Texto eletrônico.

Modo de acesso: World Wide Web: www.celestedummer.com.br

1. Arqueologia – Pardo, Rio, Vale (RS). 2. Museus e coleções
arqueológicas. 3. Pesquisa arqueológica. 4. Colégio Mauá. Museu. 5.
Universidade de Santa Cruz do Sul. Centro de Ensino e Pesquisas
Arqueológicas. I. Título.

CDD: 930.1098165

Bibliotecária responsável: Muriel Thürmer – CRB 10/1558

PREFACIO

A Arqueóloga Marina Amanda Barth oferece para os estudantes de História e Arqueologia, bem como pesquisadores, o desenvolvimento da arqueologia no Vale do Rio Pardo, expondo a história do Museu do Colégio Mauá e do Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica (CEPA) da Universidade de Santa Cruz do Sul, duas instituições do interior do Rio Grande do Sul, nascidas em momentos diferentes do desenvolvimento da Arqueologia no país.

Apresenta com clareza e detalhes todas as etapas e fases pelas quais passaram o estudo e trabalho prático dos envolvidos em todo o processo. Apresenta instituições, materiais, processos, documentos e personagens.

A história que Marina conta é o resgate de uma memória que nem a comunidade local, nem os arqueólogos do Brasil podem ignorar. Assim, a presente obra deveria fazer parte da literatura usada em pesquisas de graduação e pós-graduação para uma compreensão de todo o processo e trabalho realizados por apaixonados e comprometidos com a arqueologia.

Celeste Dummer
Professora Especialista em Língua Portuguesa e Literatura

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. A ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO PARDO E O	
 CONTEXTO NACIONAL.....	08
2. A ARQUEOLOGIA COMUNITÁRIA: MUSEU MAUÁ.....	16
2.1 A equipe de Pesquisa e demais Colaboradores.....	18
2.2 As Pesquisas Arqueológicas.....	18
2.2.1 As atividades de campo e doações.....	19
2.2.2 Sítio registrado e missões efetuadas.....	21
2.2.3 As doações.....	26
2.2.4 As atividades em laboratório.....	28
2.3 A Divulgação.....	35
2.3.1 A exposição no Museu.....	36
2.3.2 Os artigos do jornal Gazeta do Sul.....	39
2.3.3 A revista do Museu e publicações conjuntas.....	40
2.4 Da Pesquisa Arqueológica para a Pesquisa da História da Região.....	41
3. A ARQUEOLOGIA CIENTIFICA E PATRIMONIAL: CEPA UNISC.....	44
3.1 A Fundação do CEPA.....	45
3.2 A Equipe de Pesquisa.....	47
3.3 As Pesquisas Arqueologicas.....	47
3.4 A Divulgação.....	50
3.5 Da Arqueologia Acadêmica para Arqueologia Empresarial.....	53
CONCLUSÃO.....	57
REFERENCIAS.....	61
ANEXO.....	66

INTRODUÇÃO

A história da Arqueologia no Vale do Rio Pardo iniciou suas atividades com a arqueologia voltada para a comunidade a exemplo do Museu do Colégio Mauá e posteriormente com Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul focada na arqueologia científica e atualmente patrimonial ou empresarial. Apresentamos nesta etapa Arqueologia Comunitária, seu desenvolvimento e repercussão junto à comunidade local.

“Arqueologia no Vale do Rio Pardo: da Arqueologia Comunitária a Arqueologia Científica e Patrimonial” é resultado da dissertação - Arqueologia: Ação Comunitária ou Ciência Acadêmica – apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz.

O Museu do Colégio Mauá foi fundado por Hardy Elmiro Martin, em 20 de setembro de 1966, ligado ao centenário Colégio Mauá. O educandário nasceu na comunidade luterana de Santa Cruz do Sul, em 1870, com a denominação de *Schulgemeinde*¹ e, atualmente, integra as escolas da Rede Sinodal de Educação, vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Seu acervo era composto pelas seções de arqueologia, paleontologia, mineralogia, geologia, história e etnologia, com material oriundo de pesquisas realizadas e de doações recebidas. Observamos as atividades realizadas pelos integrantes da equipe do Museu do Colégio Mauá desde a data de fundação até 1985. A equipe era composta pelo diretor do educandário Hardy E. Martin², Gastão e Ursula Baumhardt, Lothar Heuser, Roberto Steinhaus e por breve período Pedro Augusto Mentz Ribeiro.

¹ A tradução de *Schulgemeinde* da língua alemã para a portuguesa é escola comunitária ou sociedade escolar.

² Hardy Elmiro Martin será mencionado no decorrer da dissertação como Hardy E. Martin ou ainda como Hardy referindo-se a mesma pessoa.

Foram comparadas as atividades arqueológicas desenvolvidas pelo Museu do Colégio Mauá e o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul. Para averiguar como a arqueologia se desenvolveu no Município de Santa Cruz do Sul no momento em que se formavam os primeiros arqueólogos no Brasil.

Apresentamos a transição de uma arqueologia Comunitária, voltada para a Cultura, efetuada pelo Museu Mauá, para uma arqueologia Acadêmica, voltada para a Ciência, realizada no Centro de Pesquisas Arqueológicas criado na Universidade. Mostramos como a primeira foi substituída pela segunda.

O Museu do Colégio Mauá, cobriu principalmente o Vale do Rio Pardo, registrando 1127 sítios arqueológicos com uma equipe proveniente do colégio da comunidade; tentou, mas não conseguiu passar de uma arqueologia produtora de Cultura para uma arqueologia produtora de Ciência, passando, então, a se interessar por temas a seu alcance.

O CEPA - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul - foi fundado em 1º de março de 1974 por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, ligado ao Departamento de Ciências Sociais dessa Instituição.

A finalidade do Centro era ministrar cursos, possibilitando aos inscitos um estudo aprofundado da disciplina de Antropologia Cultural, bem como a Pesquisa Arqueológica no sentido “da reconstituição das formas de vida do passado” no Rio Grande do Sul e, de forma específica, na Região do Vale do Rio Pardo e áreas adjacentes. A equipe era constituída pelo coordenador Pedro Augusto Mentz Ribeiro, acadêmicos do curso e voluntários.

No contexto da arqueologia brasileira, as atividades das duas instituições se enquadram, respectivamente, na terceira e na quarta fases ‘da passagem das pesquisas arqueológicas efetuadas pela comunidade para a institucionalização da pesquisa’ e ‘do impulso popular à consciência de classe’, segundo a História da Arqueologia Brasileira, de Alfredo Mendonça de Souza (1991).

Na década de 1990, surge no Brasil uma nova arqueologia: a empresarial. Pela escassez de recursos, cada vez mais, a arqueologia acadêmica ia perdendo espaço para

empresas especializadas na prestação de serviços para preservação do patrimônio arqueológico. Também, as universidades se organizaram rapidamente para a nova atividade. O Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica da UNISC se tornou eficiente e conhecido nessa prestação de serviço. Hoje não se restringe ao Vale do Rio Pardo, mas atua em todo o Estado, trabalhando sítios indígenas e históricos.

Nessa trajetória existem três momentos: a arqueologia como Cultura comunitária, como Ciência acadêmica, como Patrimônio nacional a ser registrado e recolhido. Eles representam os momentos da arqueologia brasileira. Cada um desses momentos teve o seu tempo e seu prazo de validade. A comunidade de Santa Cruz do Sul e o Vale do Rio Pardo ofereceu um material extraordinário para esta história particular, que, de uma forma ou outra, se repete por todo o Brasil.

1. A ARQUEOLOGIA NO VALE DO RIO PARDO E O CONTEXTO NACIONAL

Para compreender o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas na região do Vale do Rio Pardo fez-se necessário estudar como eram efetuadas as pesquisas arqueológicas no Museu do Colégio Mauá e no CEPA/UNISC e como elas reproduzem o contexto nacional.

Para tanto, toma-se como base algumas datas importantes para a arqueologia brasileira, contextualizando-as junto às da fundação do Museu do Colégio Mauá, em 1966, e do CEPA/UNISC em 1974.

A arqueologia brasileira passou por alguns momentos históricos no que se refere a sua composição enquanto ciência. Inicialmente formada por pesquisadores autodidatas que efetuavam coletas e recolhiam doações, que resultavam em grandes coleções, evoluiu para a reunião de leigos interessados pela pesquisa e culminou com a criação de cursos de graduação e pós-graduação em arqueologia.

Alfredo Mendonça de Souza, ao escrever a *“História da arqueologia brasileira”*, enfatiza as poucas referências bibliográficas a respeito do tema, porém informa que Betty J. Meggers e André Prous publicaram textos a respeito do mesmo. Para Souza (1991), a arqueologia pode ser dividida em períodos distintos: 1- *Dos Cronistas da Conquista aos Naturalistas Viajantes (1500-1858)*; 2- *Dos Primeiros Arqueólogos Brasileiros à Busca das Cidades Perdidas (1858-1889)*; 3- *Do Impulso Popular à Institucionalização da Pesquisa (1889-1961)* e 4- *Do Ensino Formal à Consciência de Classe*.

Segundo estas etapas, as pesquisas arqueológicas efetuadas pelo Museu do Colégio Mauá e o CEPA/UNISC, conforme as datas de suas fundações integrariam o último período descrito por Souza. Porém, de acordo com seus apontamentos, as características da formação do Museu do Colégio Mauá com impulso popular e do CEPA/UNISC por ligação com a universidade, elas se contextualizam do terceiro para o

quarto período. Pode-se considerá-lo como um período de transição do qual apontam-se os principais acontecimentos em ordem cronológica.

Conforme Souza (1991), o terceiro período - *do Impulso Popular à Institucionalização da Pesquisa (1889-1961)*, é marcado pela passagem das pesquisas arqueológicas efetuadas pela comunidade leiga para a institucionalização das pesquisas nos museus e centros acadêmicos. Para Souza:

A toda esta efervescência evidente, não estavam alheias a popularização da arqueologia, sendo importante destacar que, para os intelectuais da época, o resgate das raízes pré-históricas era dever da ciência. Assim, ao lado das instituições tradicionais (Museu Nacional, Paraense e Paulista) posicionam-se, agora, outros museus, como o Paranaense, além de instituições regionais, pesquisadores isolados e centros privados, muitas vezes estabelecendo-se acirradas competições. Muitas destas instituições tiveram vida efêmera, como o Museu Rocha (Ceará), o Museu Salles (Bahia) e o Museu Simões da Silva (Rio de Janeiro), que chegaram a ter suas coleções citadas como muito importantes. Da mesma forma como ocorreu com os acervos particulares, também neste caso instituições estatais absorveram grande parte das coleções, mas muita coisa perdeu-se, passou para as mãos de outros colecionadores, ou tomou o rumo do exterior. (SOUZA, 1991, p. 100).

A criação do Instituto de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná (1954), que incluía uma seção de arqueologia, inicia um novo estágio na formação dos arqueólogos brasileiros. O Paraná, que já contava com o Museu Paranaense e com o grupo de pesquisadores vinculados ao Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, consolidava uma posição de pioneirismo no estudo da arqueologia e se manteria por muitos anos influenciando decisivamente os demais estados.

O Rio Grande do Sul começava a assumir posição de destaque na arqueologia brasileira, com grande influencia sobre Santa Catarina, principalmente, graças ao lançamento do seriado *Pesquisas, Antropologia*, em 1957, publicado pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, criado em 1956. Inicialmente, sediado no Colégio Anchieta em Porto Alegre, posteriormente, foi transferido para a proximidade das Faculdades, que se consolidavam em São Leopoldo e que, em 1969, deram origem à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Conforme a ata³ de fundação, o Instituto

³Ata de fundação do Instituto Anchietano de Pesquisas disponível em <http://www.anchietano.unisinos.br/index1.htm>

Anchietano de Pesquisas atuava nos setores de História, Botânica, Biologia, Zoologia, Química e Museu.

No Rio de Janeiro, a forte penetração popular obtida pela arqueologia levava à multiplicação de instituições privadas, como a Associação Brasileira de Pesquisas Arqueológicas (1958), o Instituto de Arqueologia Brasileira (1961) e o Centro Brasileiro de Arqueologia (1961). Embora, todas estas instituições tenham sobrevivido, somente o Instituto de Arqueologia Brasileira permaneceu plenamente em atividade nos anos subsequentes, conforme Souza (1991).

Os arqueólogos brasileiros vinham lutando pela preservação do patrimônio arqueológico nacional. Conforme Souza (1991, p.108), a arqueologia “não se constituiu, em nenhum momento, numa concessão do Poder Público se destacando como uma conquista da comunidade que, embora tenha obtido a lei, não logrou a sua regulamentação”. Mas os arqueólogos consideraram alguns objetivos alcançados ao defender que desejavam um diploma legal que detivesse a destruição acelerada de sítios arqueológicos.

Muito embora seus efeitos tenham sido parcos e demorados, foi a lei 3.924 que deu aos arqueólogos brasileiros um primeiro impulso cooperativista. Arqueólogos ligados às instituições federais, aproveitando-se do salvo-conduto que tal legislação lhes conferia, ao isentá-los da necessidade de comprovar competência científica, reforçaram suas posições auto-atribuídas de *arqueólogos profissionais*, iniciando um movimento de refluxo que se opunha à pulverização das pesquisas do início do século, afastando todos aqueles a que atribuíam à alcunha de *arqueólogos amadores*, muito embora não existisse, ainda, formação universitária específica na área. (SOUZA, 1991 ,p. 108)

Ao mesmo tempo em que a Lei 3.924 era promulgada, havia a inexistência de curso de graduação ou pós-graduação em arqueologia, embora reconhecendo os esforços da Universidade Federal do Paraná. A partir de então, ser acusado de amador, podia representar o fim de uma carreira e, para qualquer finalidade, amador era pesquisador não vinculado a um órgão público. Neste contexto da arqueologia surgiam as atividades arqueológicas do Museu do Colégio Mauá. Apresenta-se assim o quarto período da história da arqueologia brasileira – *Do Ensino Formal para Consciência de Classe*, mencionado por Souza.

Era cada vez mais importante a comprovação de habilitação específica e de títulos universitários. Mas a única disciplina de arqueologia, ministrada no curso de museologia no Rio de Janeiro, tinha caráter excessivamente teórico, e apresentava muita variação de conteúdo, não tendo acompanhado as tendências mais recentes nesta área. Surgiu, então, um número muito elevado de cursos livres e de extensão, às vezes, ministrados por professores estrangeiros, mas na maioria dos casos, com mestres improvisados conforme Souza (1991). Enquadra-se neste período a fundação do CEPA/UNISC (1974) com o curso de Introdução a Arqueologia ligado à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e disciplinas de Antropologia Cultural, História Antiga e História do Brasil ao alunos do Curso de Estudos Sociais.

O Curso em foco divide-se em duas etapas: a primeira compreende o conhecimento de técnicas de campo e laboratório. A segunda visa a complementação da primeira com a publicação de um trabalho científico original. Além disto, são ministradas uma série de aulas aos alunos acadêmicos do Curso de Estudos Sociais relativas às disciplinas de Antropologia Cultural, História Antiga e História do Brasil (RIBEIRO, 1974, p.1)

No entanto, é do Paraná o curso pioneiro de treinamento de técnicas de campo e laboratório, promovido pela Universidade Federal do Paraná, ministrado por Annette Laming-Emperaire. Com ele, a arqueologia adquire definitivamente característica universitária e Annette Laming-Emperaire pode ser considerada a matriz da nova geração de arqueólogos brasileiros.

A comunidade começa a reunir-se para conhecimento mútuo e reconhecimento das descobertas. O Seminário de Ensino e Pesquisas em Sítios Cerâmicos, promovido pelo CEPA/UFPR, no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, a cargo dos arqueólogos Betty J. Meggers e Clifford Evans, da Smithsonian Institution (USA), visa principalmente treinamento nas técnicas de seriação cultural para a construção de cronologias relativas. Teve, como produto e instrumento, a Terminologia Arqueológica Brasileira de Cerâmica, a qual marca o início da preocupação com metodologia e terminologia. Ao mesmo tempo em que permitiu conhecimento e convivência de pessoas, este seminário acabaria por se tornar a matriz do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA.

Criado, em 1965, para durar três anos, depois estendidos para cinco, o PRONAPA previa padronização metodológica em campo e laboratório, na coleta de informações, na análise e classificação, na terminologia e no formato de apresentação dos resultados. Insistia no valor das coletas sistemáticas de superfície e reservava as escavações detalhadas para ação futura, após a análise e seriação de todo o material. Em cada estado foram selecionadas áreas com maior potencial de informações, com base nas bacias hidrográficas, visando obter dados sobre as direções de influência, migrações e difusão da cerâmica. Participaram deste programa, de acordo com Souza (1991): Eurico T. Miller, José Proenza Brochado, Walter F. Piazza, José Wilson Rauth, Igor Chmyz, Fernando Altenfelder Silva, Ondemar Ferreira Dias Jr., Valentim Calderón, Nassaro A. de Souza Nasser e Mário Ferreira Simões. Já no segundo ano, Altenfelder se afastaria, entrando Silvia Maranca e Celso Perota.

O PRONAPA foi importante no sentido de impedir a estrutura centralizada que se planejava implantar a partir do eixo Rio-São Paulo e, na medida em que a SPHAN não tinha condições de atuar em todo território nacional, designou os participantes do PRONAPA como seus representantes regionais, atribuindo-lhes responsabilidade pela preservação deste patrimônio e competência para decidir quem poderia, ou não, desenvolver pesquisas em suas áreas. Esta decisão resultou na centralização da arqueologia brasileira.

Em 1966, um ano após a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, que desejava, conforme Clifford Evans & Betty J. Meggers, uma padronização metodológica de trabalho e mapeamento dos sítios arqueológico, é fundado o Museu do Colégio Mauá por iniciativa do diretor Hardy E. Martin. Contava com a colaboração de Gastão Baumhardt e sua mulher Úrsula, Lothar F. Heuser e Roberto Steinhaus, com a participação expressiva da comunidade local nas pesquisas arqueológicas, adquirindo, ou obtendo por doação, numerosas coleções que compuseram importante acervo inicial.

Em 1966 é fundado - por Eurico Th. Miller - o Museu Estadual de Arqueologia no Município de Taquara, onde trabalhou Pedro Augusto Mentz Ribeiro antes de integrar a equipe do Museu do Colégio Mauá (1971) e de fundar o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul (1974).

Pedro Ignácio Schmitz, em 1967, convoca I Simpósio de Arqueologia da Área do Prata, no Instituto Anchieta de Pesquisas, primeira reunião de arqueólogos brasileiros, argentinos e uruguaios com predominância de arqueólogos amadores formadores de cultura.

No ano de 1968, o Simpósio seria repetido com professores universitários e maioria de pesquisadores do sul: Margarida D. Andreatta, Igor Chmyz, Maria José Menezes, João Alfredo Rohr, Anamaria Beck, Pedro Ignácio Schmitz, Ítala Irene Basile Becker, Guilherme Naue, Pedro A. Mentz Ribeiro, Fernando La Salvia e José Proenza Brochado, adquirindo fisionomia acadêmica regional.

Em 1969, o III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, promovido por Pedro Ignácio Schmitz, recebe pesquisadores argentinos, uruguaios e de diversos Estados brasileiros conferindo-lhe caráter nacional. Conforme Souza:

Participam Marcos Albuquerque (PE), Celso Perota (ES), Maria da Conceição M.C. Beltrão. Lina Maria Kneip e Odemar Ferreira Dias Jr.(RJ), Tom O. Miller Jr., M.E.B. Prado e L. Vivam (SP), Igor Chmyz (PR), João Alfredo Rohr, Margarida D. Andreatta, Anamaria Beck, Gersa M. Duarte e Maria Reis (SC), Pedro Ignácio Schmitz, Ítala I. B. Becker, Pedro A. Mentz Ribeiro, Ursula Baumhardt, José Proenza Brochado, Danilo Lazzarotto, Rolf Steimetz, Fernando La Sálvia, Guilherme Naue, Wander Valente e Maria Helena Abrahão Schorr (RS). Na mesma ocasião foram criados 5 grupos, para sistematizar o conhecimento disponível: sambaquis e sítios litorâneos, sítios tupi-guarani, sítios de ceramistas não tupi-guarani (subdividido em norte, centro e sul); sítios líticos do interior; e sítios de contacto. (SOUZA, 1991, p.118)

Assim, a arqueologia começa a manifestar-se como um conjunto e, em 1972, Pedro Ignácio Schmitz (RS), Pedro Agostinho (BA) e Alfredo Mendonça de Souza (RJ) vão conhecer sítios arqueológicos do Cerrado do Brasil Central. O interesse pela arqueologia do planalto central resulta no convênio efetuado (1972) entre a Universidade Católica de Goiás e o Instituto Anchieta de Pesquisas (RS), formalizando o Programa Arqueológico de Goiás.

Concomitantemente, às pesquisas arqueológicas realizadas no Cerrado - por Pedro Ignácio Schmitz - ocorria, também, no ano de 1973, em São Raimundo Nonato, no Estado do Piauí, o início das pesquisas de Niède Guidon, que integra a Missão

Arqueológica Franco-Brasileira e culmina na criação do Parque Nacional da Serra a Capivara.

Com as pesquisas arqueológicas sendo desenvolvidas nas mais diversas áreas do território nacional, fazia-se necessário fundar uma sociedade de arqueólogos para trocar informações e dialogar a respeito das pesquisas brasileiras. Assim, em 1980, foi fundada a SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira - durante o III Seminário Goiano de Arqueologia. Sua primeira diretoria era composta por Pedro Ignácio Schmitz (Presidente), Ondemar Ferreira Dias Jr. (Vice-Presidente), Alfredo Mendonça de Souza (Secretário) e Dorath Pinto Uchôa (Tesoureiro).

A história da arqueologia brasileira é formada por arqueologia comunitária. Constituída por estudos realizados por pesquisadores, a princípio não formados, considerados leigos na área, porém interessados nas atividades arqueológicas e ligados a comunidades locais. Criavam grandes coleções, expostas em museus para divulgação cultural. No decorrer dos anos, estes cederam espaço a pesquisadores que buscaram formação em cursos de extensão oferecidos no Brasil e no diálogo com colegas em encontros da classe – arqueologia científica.

Neste contexto, o crescimento de uma classe de arqueólogos, constituída na década de 1980, com amplas pesquisas espalhadas pelo país, reduzem-se as atividades arqueológicas do Museu do Colégio Mauá e encerram no ano de 1986 (data da última ficha de pesquisa).

Pelo fato de não poder acompanhar o movimento arqueológico nascente no Brasil, o Museu do Colégio Mauá passa a dedicar suas forças para a história da comunidade através da organização de um grande arquivo documental.

Com seu caráter acadêmico, sob coordenação de Ribeiro o CEPA-UNISC, registrou 663 novos sítios arqueológicos onde se destacam: a redução de Jesus-Maria, a aldeia missioneira de São Nicolau, a redução de São Lourenço Mártir, os abrigos do Virador I, II e III e de Garivaldino e numerosos sítios dos Vales do Rio Pardo e Taquari e foram tema da dissertação de mestrado e da tese de doutorado de Ribeiro na PUCRS.

Foram vinte anos de produtiva pesquisa acadêmica, arqueologia-ciência e, com a retirada do especialista responsável, também chegou ao fim. As duas décadas representam outra etapa no cenário nacional da arqueologia.

Com a década de 90, a arqueologia empresarial surge, no Brasil, voltada para o licenciamento - junto ao IPHAN - de espaços destinados a empreendimentos construtivos e se caracteriza como arqueologia-patrimônio. Neste contexto, a arqueologia acadêmica acaba perdendo espaço, restando aos centros a adaptação a este novo modelo de arqueologia. O CEPA, sob a coordenação de Dr. Sergio Klamt, passou a desenvolver a arqueologia empresarial e, através de projetos de licenciamento como o da Usina Dona Francisca, de Pequenas Centrais Hidrelétricas CERAN, ofertaram material arqueológico para dissertações e teses. Na arqueologia histórica acompanhou restauros de bens tombados como a Igreja Matriz de Santo Amaro de General Câmara, do Colégio Militar de Rio Pardo, da Casa David Canabarro em Santana do Livramento, da Igreja Matriz de Viamão e Museu Getúlio Vargas em São Borja.

Assim, a Arqueologia Comunitária desenvolvida pelo Museu do Colégio Mauá e a Arqueologia Acadêmica do CEPA tiveram seu período de existência. Cada uma com suas formas de fazer pesquisa e divulgar seus resultados. De acordo com as informações da época realizavam as pesquisas com presteza e dedicação, resultado atualmente visível na união do acervo do Museu do Colégio Mauá e do CEPA, passando a compor um dos maiores acervos arqueológicos do Estado, principalmente, no que se refere a pontas de projétil.

Uma trajetória semelhante à da arqueologia de Santa Cruz do Sul deve ter-se repetido, com as devidas variações, em outros estados brasileiros. É a memória que falta ser recuperada para consolidar a identidade da arqueologia nacional.

2. A ARQUEOLOGIA COMUNITÁRIA: MUSEU MAUÁ

A origem do Museu Mauá, ligado a instituição educacional centenária, a equipe de pesquisa composta por professores e funcionários pertencentes ao colégio, como eram desenvolvidas as pesquisas arqueológicas, a divulgação das atividades do museu e, por fim, apresenta-se de forma cronológica o início e o fim da arqueologia e a passagem da arqueológica comunitária para a pesquisa histórica.

O Museu do Colégio Mauá integra o complexo educativo da instituição. Atualmente mantido pela Sociedade Escolar de Santa Cruz do Sul. O Colégio Mauá, com aproximadamente um século e meio de existência está diretamente ligado à história da colonização de Santa Cruz do Sul.

Desde a criação da escola particular pelo pastor Hermann da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1868), a fundação da Sociedade Escolar (1870), até a atualidade com Wilsom Ademar Griesang⁴, o tradicional educandário foi regido por 24 diretores que mantiveram e prezam o vínculo e relacionamento com a comunidade e a história local.

Visando estabelecer um elo cultural entre o Colégio e a comunidade é que o diretor Hardy Elmiro Martin aceitou, em 1966, o convênio com a Prefeitura Municipal para criar o Museu Mauá. A administração desejava suprir a carência de um museu público para a comunidade santa-cruzense e de um espaço cultural com proximidade da FENAF⁵ (Festa Nacional do Fumo). Assim, em 20 de setembro de 1966, é inaugurado o Museu do Colégio Mauá com a presença de 301⁶, sendo o primeiro assinar o livro o Prefeito Municipal. Situado junto ao complexo escolar, o Museu – inicialmente – aproveitava o material indígena já existente no Colégio – a Coleção Riedl⁷ – para auxiliar nas atividades escolares e, no decorrer do tempo, passou a receber diversas

⁴ Diretor geral. Informações de <http://www.maua.g12.br/site/categoria/conheca-o-maua/institucional/>

⁵ A FENAF – Festa Nacional do Fumo com o objetivo de celebrar a indústria fumageira, que representa parte importante da economia de toda a região, teve três edições, 1966 (15 de outubro a 6 de novembro), 1972 (26 de outubro a 12 novembro) e 1978 (28 de setembro a 15 de outubro).

⁶ Primeiro Livro de Visita do Museu do Colégio Mauá.

⁷ As coleções Riedl provêm do museu particular do Sr. José Ernesto Riedl, proprietário do jornal *Kolonie*, que doou a maior parte do acervo ao Colégio Mauá, do qual foi diretor por 20 anos. Em outubro de 1977,

doações da comunidade local e regional. Integrando o acervo do museu escolar já existente, a doação de Sr. Lindolfo Doern⁸, bem como a coleção de armas do Sr. Dr. Ingo Ebert, compunham o acervo do Museu quando de sua criação.

Desde a sua criação, o Museu do Colégio Mauá, a princípio como espaço complementar à educação dos estudantes do Colégio Mauá e, em seguida, aberto ao público da comunidade santa-cruzense, passa a ser instrumento na produção e divulgação de cultura regional, contando com expressiva colaboração da comunidade por meio de doações e visitação ao museu.

O reconhecimento expressado nas inúmeras doações da comunidade era resultado das pesquisas desenvolvidas pela equipe composta por membros da comunidade local vinculados ao educandário ou colaboradores espontâneos. O Museu desenvolveu-se progressivamente no decorrer dos anos ampliando seu acervo, áreas de atuação e sala de exposições. Ao completar três anos de existência seu acervo compreendia quatro salas de exposições. A reportagem do Jornal Gazeta do Sul, de 23 de julho de 1969, sob o título “*Mauá, um museu feito com arte e carinho*”, cita que: na primeira sala apresentava ao público as secções de arqueologia, mineralogia, paleontologia e zoologia; na segunda dependência estava à apreciação da comunidade a história e colonização do Município e região; na terceira estava exposto o material etnológico adquirido pelo Dr. Gastão Baumhardt quando participara do projeto Rondon III⁹; na quarta, e última sala - intitulada de ‘diversos’- estavam objetos como realejo, grilhões de escravos, entre outros. A publicação apresenta ainda que foram localizados, pela equipe do Museu, 450 sítios arqueológicos com auxílio dos colaboradores do interior.

o Sr. Edgar Riedl, filho do Sr. Ernesto doou o restante do acervo ao Museu do Colégio Mauá completando a “Coleção Riedl”.

⁸ Doação efetuada para a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul e destinada ao Museu do Colégio Mauá na ocasião da parceria efetuada entre o poder público e privado. Informações extraídas do Jornal Gazeta do Sul de 23 de julho de 1969, p.3.

⁹ Gastão Baumhardt participou do projeto Rondon III na fronteira da Colômbia, nas missões salesianas de 26 de janeiro a 19 de fevereiro de 1969. Informações extraídas de: BAUMHARDT, Gastão. Rondon III. Projeto Rondon objetiva princípio de integração. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 23, p.4, 22 mar. 1969.

2.1 A Equipe de Pesquisa e demais Colaboradores da Comunidade



Fonte: Cepa-Unisc

Produtora de cultura e informação a equipe do Museu do Colégio Mauá, inicialmente constituída pelo professor Dr Gastão Baumhardt (químico e professor), sua esposa Ursula Baumhardt e o diretor e professor do educandário Hardy Elmiro Martin, foi complementada por Lothar Heuser (vice-diretor administrativo), Roberto Steinhaus (carpinteiro) e Pedro Augusto Mentz Ribeiro (professor) - membros permanentes ligados à instituição educacional - cedidos em horas parciais às pesquisas no Museu, além de colaboradores espontâneos da comunidade que participavam das atividades esporadicamente sem vínculo institucional. As atividades de pesquisa eram desenvolvidas nos feriados e fins de semana. Os familiares complementavam a equipe transformando-a em uma atividade em família.

2.2 As Pesquisas Arqueológicas

A arqueologia, na época, não era compreendida como uma ciência, mas como cultura feita por pessoas com destaque na sociedade: professores, médicos, comerciantes, padres, pastores, juristas, caixeiros viajantes, veranistas que mais tarde doavam suas coleções aos colégios, dando origem a grandes referências para educação da juventude. Isso ocorria em nível estadual e regional, especialmente, nas áreas de colonização alemã. O Museu do Colégio Mauá surgiu como instrumento cultural importante na formação que proporcionava à juventude. O acervo do Colégio Mauá foi complementado com pesquisas arqueológicas da equipe, inicialmente, com sentido mais de cultura e progressivamente de ciência.

As atividades arqueológicas iniciavam com a coleta do material em campo. Posteriormente, era conduzido ao Museu onde era registrado em fichas de pesquisa arqueológica, higienizado e levado à reserva técnica ou exposto na seção arqueológica, onde era apreciado pelos visitantes. A divulgação das pesquisas era efetuada, a princípio, no jornal Gazeta do Sul através dos artigos de Hardy Martin e posteriormente em revista própria.

2.2.1 As atividades de campo e doações

Uma atividade de campo era composta por coleta e ou por doações recebidas dos moradores. A ida a campo para efetuar estas tarefas era definida pelo Museu como Missão Arqueológica. Uma missão em determinado feriado ou fim de semana poderia ser de coleta ou de doação recebida de um sítio arqueológico único ou mesmo de diversos sítios em uma única viagem.

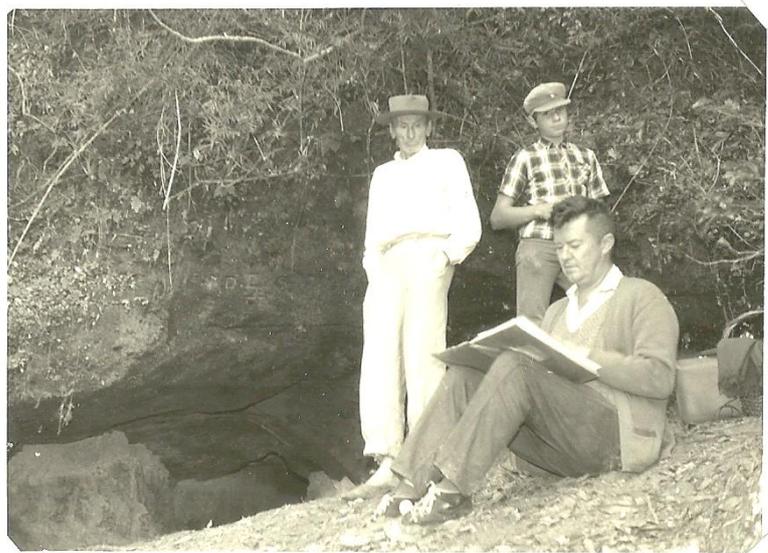
Sábado, dia 24, a equipe do Museu esteve nos locais acima, obtendo, graças a colaboração do prof. Wagner e do Sr. Germano Schuster mais de trinta pontas de flecha. Visitamos também Sr. Carlos Wagner, grande colaborador do Museu, e que fez a doação do material enviado pelo seu ex aluno Wendelino Soder de Mondaí. Também Sr. João Soder F. doou material lítico. (MARTIN, 1973a, p.5)

As missões arqueológicas eram registradas em livro próprio “Todas as vezes que saímos em pesquisa constitui-se em uma “Missão” registrada em livros especiais¹⁰ que contêm a narração ou relato de todos os achados, pesquisas e contatos mantidos”. (MARTIN, 1974b, p.2).

As missões eram realizadas nos feriados e finais de semana pelos integrantes da equipe do Museu e seus familiares que se dedicavam com afinco à pesquisa e ficaram satisfeitos ao encontrar o material.

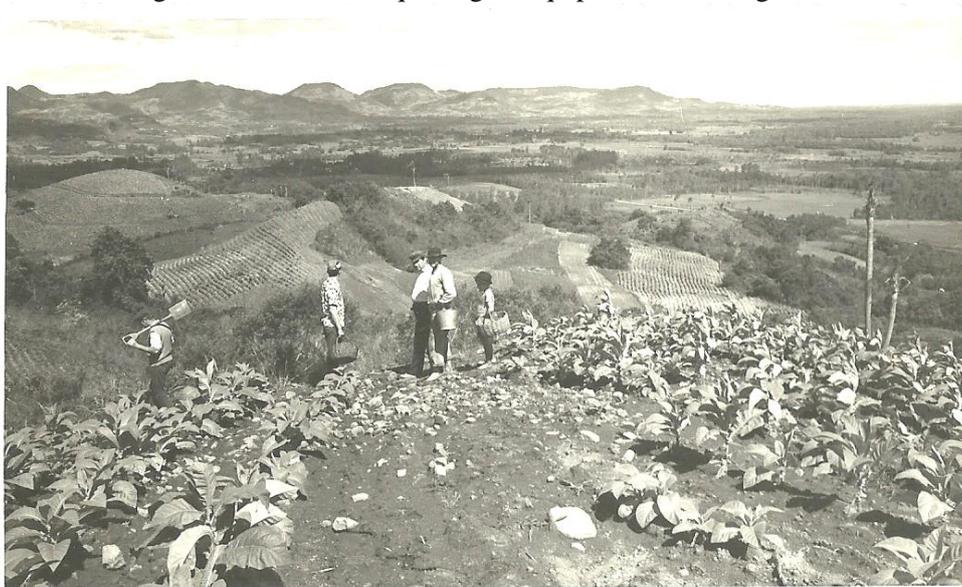
Fotografia 05: Registro no Livro de Missões

¹⁰ A coordenadora do Museu – Maria Luiza Rauber Schuster – informou que os livros de Missões não foram localizados. Maria Luiza Rauber Schuster, assim como seus antecessores, também se dedica ao turno oposto as aulas ao Museu do Colégio Mauá. Além da dedicação ao Museu e ao magistério a mesma é apresenta o programa “Folclore e Tradição “ do Grupo 25 de Julho, na Rádio Gazeta AM ao sábados e é organizadora dos desfiles da Oktoberfest.



Fonte : Doação de Roberto Steinhaus ao CEPA/UNISC. Carlos Rutzatz (de pé), Luiz André Martin (filho do diretor Hardy), Dr. Gastão Baumhardt (sentado) em 17/8/1969.

Fotografia 06: Missão arqueológica equipe Museu Colégio Mauá



Fonte: CEPA/UNISC. Doação Roberto Steinhaus.

Nem sempre o trabalho era prazeroso e exigia um grande esforço físico da equipe. Segundo Martin (1970b, p.3) em média, nos quatro anos de atividade do Museu Mauá, efetuaram uma saída a missão de quatro em quatro dias. Para saber o que isto representa, deve-se levar em consideração que, às vezes, os pesquisadores precisavam vencer quilômetros e quilômetros a pé, subindo e descendo morros.

Mas nem sempre, os resultados são positivos. Dia 10 do corrente a mesma equipe – Steinhaus, Lothar, Osvino e Hardy – foram a Rio

Pardense onde se supunha haver “tácitas”. Chegamos as 15 horas e depois de caminhada – e que calor – chegou-se a conclusão de que se tratava de erosão, pois havia água corrente, provável causador das “tácitas” na rocha. Não se pode nem se deve desanimar... e prosseguimos (MARTIN, 1973b, p.2)

Após uma rápida refeição prosseguimos... até onde a Rural pode trafegar. Depois foi a pé ... Uma hora e meia, às 15h30min com temperatura de mais de 30 graus. Foi uma sauna violenta. Primeiro descer aos últimos socavões depois subir o morro do outro lado. A transpiração era violenta, estávamos completamente molhados! Mas, finalmente, ali estava: uma “panela” tupi-guarani.(MARTIN, 1976, p. 2)

2.2.2 Sítio registrado e missões efetuadas

Transcrevendo as informações da Ficha de Pesquisa Arqueológica foi possível elaborar a “Tabela :01 Missões e Pesquisas Arqueológicas dos Sítios Arqueológicos de 1966 a 1986”, disponível no anexo 1 da qual extrai-se parte para fazer algumas considerações. Na tabela é possível observar: na primeira coluna, as sucessivas linhas verticais representam os sítios arqueológicos registrados; na segunda coluna está registrado o município em que foi localizado o sítio arqueológico; na terceira coluna, a identificação do sítio arqueológico pesquisado; na quarta, quinta e sexta colunas, respectivamente, a quantidade de pesquisas, doações e missões efetuadas no sítio arqueológico; nas demais colunas encontram-se os anos de ação arqueológica do Museu (1966 a 1986), onde estão marcados o ano(s) da(s) pesquisa(s) efetuadas no sítio.

A partir da Tabela 1 na sequência¹¹ é possível verificar as diferentes formas de registro dos sítios e em quais anos foram registrados e pesquisados. Na primeira linha, temos o registro do sítio 1-1 - a partir do preenchimento da ficha de pesquisa arqueológica em 1966 - sendo que não houve sequência de pesquisas no sítio. Provavelmente, era uma doação não foi registrada na ficha de pesquisa arqueológica.

O sítio 2-1 está localizado no município de Santa Cruz do Sul, registrado em 1966, foram feitas 2 missões, 3 doações e preenchidas 5 fichas de pesquisa arqueológica (1969 e 1975).

¹¹ Para facilitar a leitura foram extraídas algumas informações da Tabela 01 (anexo) e criado exemplo da Tabela 01: Missões, Pesquisas e sítios arqueológicos registrados no Museu do Colégio Mauá de 1966 a 1986, na página a seguir, para explicar a metodologia das pesquisas realizadas pela equipe do Museu.

Na terceira linha da tabela consta o sítio 15-1, registrado em 1966, durante uma doação. Foram efetuadas 3 doações e 3 fichas foram preenchidas em 1966 e 1969. Isto significa que estas doações concretizaram-se nestes anos.

Da quarta até a oitava linha demonstra-se em qual sítio arqueológico foi realizada maior quantidade de missões e também mais fichas de pesquisas arqueológicas foram preenchidas. Na quarta, quinta, sexta e oitava linhas são sítios localizados em Santa Cruz do Sul. O sítio arqueológico da sétima linha é de Candelária. O sítio arqueológico da quinta linha será abordado novamente no próximo capítulo: trata-se do Sítio Arqueológico Amanda Barth. O sítio arqueológico 212-1, localizado em Candelária, foi o mais pesquisado: 357 fichas preenchidas, apesar de ter sido visitado menos vezes (35) do que os dois sítios anteriores (119-25 e 20-4). Demonstra que o mesmo possui quantidade de material arqueológico considerável. O material deste sítio, observado pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, resultou na publicação de *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 4* (1990) e *Documentos 6* (1996).

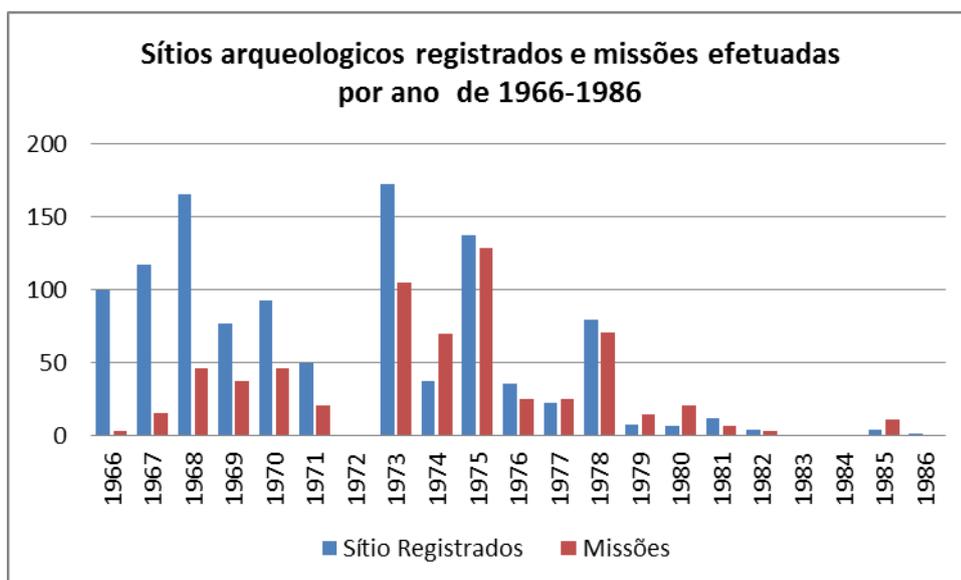
A partir da Tabela 1 em anexo, é possível verificar quantos sítios foram registrados em cada ano, quantas vezes a equipe de pesquisa retornou ao local em suas missões, identificando interesse por determinados sítios, ou ainda, verificar a quantidade de sítios registrados e pesquisados por município.

A partir da Tabela 1: Missões, Pesquisas e sítios arqueológicos registrados no Museu do Colégio Mauá (1966 a 1986) foi possível contabilizar: 22 sítios registrados em Agudo, 7 em Barros Cassal, 16 em Cachoeira do Sul, 3 em Camaquã, 127 em Candelária, 1 em Cerro Largo, 1 em Cruz Alta, 4 em Cruzeiro do Sul, 1 em Dom Pedrito, 2 em Encruzilhada do Sul, 3 em Estrela, 5 em General Câmara, 1 em Novo Hamburgo, 1 em Ijuí, 1 em Jaguarí, 2 em Lajeado, 1 em Nova Palma, 8 em Osório, 30 em Rio Pardo, 1 em Roca Sales, 681 em Santa Cruz do Sul, 1 em Santa Maria, 2 em Santo Cristo, 1 em São Sepé, 1 em Sapiranga, 12 em Sobradinho, 1 em Torres, 4 em Tramandaí, 1 em Três Coroas, 77 em Venâncio Aires, 89 em Vera Cruz do RS. Apesar do destaque dos municípios do Vale do Rio Pardo, na quantidade de sítios registrados, Santa Catarina também tem registro de 19 sítios arqueológicos nos municípios de Blumenau, Canoinhas, Itapiranga, Maravilha e Palmitos.

Observando a quantidade de sítios registrados e missões em cada ano, elaborou-se o gráfico. Na primeira parte do gráfico (1966 a 1971) cada doação é registrada como sítio arqueológico. No gráfico 3, desdobram-se as informações deste gráfico explicitando sítios registrados¹³, pesquisas, doações e missões.

¹³ Sítios registrados refere-se a sítios novos registrados a cada ano. A quantidade de sítios pesquisados difere de sítios registrados. A quantidade de sítios pesquisados significa a quantidade de vezes que aquele sítio teve material registrado nas fichas de pesquisa, o que está diretamente ligado ao número de missões arqueológicas efetuadas ao mesmo e a quantidade de material coletado.

Gráfico 01: Sítios arqueológicos registrados e missões efetuadas por ano de 1966 a 1986.



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados extraídos das Fichas de Pesquisas Arqueológicas.

Em 20 anos de pesquisas arqueológicas da equipe do Museu do Colégio Mauá, foram registrados 1127 sítios arqueológicos em 652 missões. Nos primeiros 6 anos de pesquisa (1966 até 1971), tem-se uma considerável diferença no número de sítios registrados em relação à quantidade de missões. Isso se deve, em parte, ao fato de cada doação ser registrada como sítio arqueológico.

Assim, em 1966, foram registrados 100 sítios arqueológicos e apenas três missões. Significa que três sítios foram registrados pela procedência, os demais por doações junto ao Museu. Gradativamente, percebe-se que, no decorrer dos anos, até 1971, a quantidade de missões aumenta: em 1967, são 117 sítios registrados para 16 missões; em 1968, são 166 sítios para 46 missões; em 1969, são 77 sítios para 38 missões, em 1970, foram 93 sítios registrados em 46 viagens; em 1971, foram 50 sítios registrados para 21 missões. O aumento das missões identifica a importância do registro do sítio arqueológico na casa do proprietário ou onde foi localizado e cada vez menos por doação, então se possui a procedência exata.

A diminuição das missões e registros de sítios arqueológicos (1971) deve-se à falta de Gastão Baumhardt na equipe, devido ao seu falecimento em abril do ano anterior, estando a equipe composta por Roberto, Hardy e Lothar. Ficou a viúva Ursula Baumhardt à frente das atividades no Museu até novembro de 1971.

Em 1972, o Professor Ribeiro integra a equipe, porém não ocorrem registros de sítios no Museu neste ano. No entanto, conforme os artigos de Hardy Martin publicados (1972) no decorrer do ano ocorreram missões arqueológicas.

A equipe visitou, nas últimas semanas, Formosa, Candelária e Linha Araçá. O material coletado é muito interessante. Destacam-se, cada vez mais, as cunhas lascadas. São de formatos diversos e estão a merecer estudo especial. Há aquelas que são de ótimo acabamento e outras bastante rústicas. Em Linha Araçá, graças a colaboração do prof. Wagner, conseguimos belíssimas boleadeiras e extraordinária ponta de flecha – 9,3 cm de comprimento por 4 cm de largura, nas aletas. (MARTIN, 1972b, p.6)

No ano de 1973, 173 sítios arqueológicos são registrados e 105 missões arqueológicas realizadas. É a maior quantidade de sítios registrados - por ano - durante os 20 anos de atuação do Museu do Colégio Mauá nas pesquisas arqueológicas. Consta-se que, neste ano, Pedro Augusto Mentz Ribeiro inicia a organização do acervo arqueológico, efetuando o preenchimento das fichas de pesquisa e o registro de sítios arqueológicos localizados nas missões arqueológicas do ano anterior.

Além de a quantidade de sítios registrados ser consideravelmente maior à de missões em 1973, o fato de, no ano de 1974, o número de sítios arqueológicos registrados ser menor do que o de missões efetuadas e de, no decorrer dos anos, a quantidade de sítios registrados ser proporcionalmente igual ou inferior à de missões efetuadas, indica uma mudança na forma de pensar e realizar as pesquisas arqueológicas: no que se refere aos registros de sítios arqueológicos registrados a partir de missões realizadas, com procedência fidedigna. A diferença na quantidade de missões realizadas em relação ao registro de sítios (1974) indica o interesse por intensificar as pesquisas em determinados sítios arqueológicos registrados anteriormente.

2.2.3. As doações

Nas fichas de pesquisa arqueológica eram também registradas as peças oriundas de doações, demonstrando se elas eram recebidas por meio da missão ao sítio e visita à localidade ou trazida pelo proprietário ao Museu. A receptividade da equipe do Museu pela comunidade do interior era expressiva.

Por Linha Cristina e Pinhal chegamos à Linha Branca. Ali Helvino Haag nos recebeu muito bem, fazendo-nos doação de uma belíssima panela indígena encontrada por sua esposa d. Melita, na lavoura, há 15 anos. O pote é pintado – há nítidos vestígios de branco, vermelho e preto. Igualmente doou inúmeras cunhas. Na casa comercial de L. Fredrich fizemos importantes contatos. O Sr. Augusto Fernando Fritsch doou uma cunha. É louvável o entusiasmo que notamos nos moradores, todos desejosos em colaborar com o Museu de Santa Cruz. A notícia da presença da equipe espalhou-se rapidamente e assim, a medida que a Rural percorria a Linha Branca, gentis moradores vinham à estrada e ofereciam o material encontrado. O Sr. Edvino Buboltz doou belíssima cunha paleolítica; a sra. Francisco Fredrich igualmente ofereceu outra. São gestos assim que animam a equipe a prosseguir nos seus trabalhos, às vezes bastante árduos. Linha Branca e Herveiras voltarão a ser visitados para que se faça levantamento dos sítios existentes. (MARTIN, 1970b, p. 3)

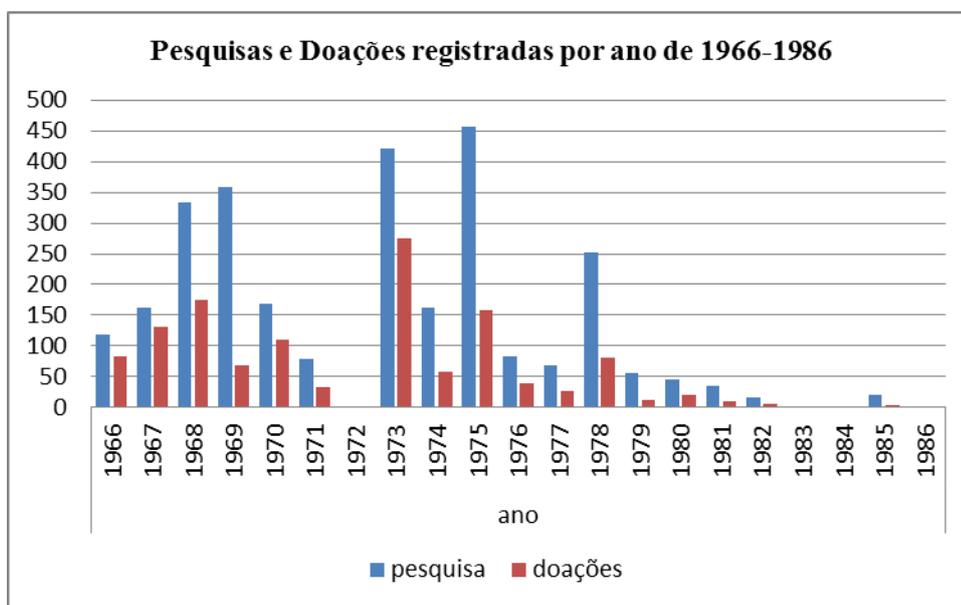
A possibilidade de ter seu nome registrado como doador no Museu do Colégio Mauá e de ser mencionado em artigos escritos pelo diretor era motivo de orgulho para a sociedade, motivando a contribuição com mais doações, como mencionado pelo Diretor:

Logo após chegamos a casa do sr. Severiano de Moura. Há alguns meses já visitáramos este senhor e o alertáramos para o material lítico existente em suas terras. Pois bem, agora domingo, o filho do sr. Severiano, de nome Cyro, proporcionou-nos agradável surpresa: coletara uma “montanha” de peças líticas. Nem foi possível transportar tudo ... Só em cunhas lascadas estavam na Rural 115 peças. Havia ainda batedores, com e sem depressão central, talhadores, raspadores, boleadeiras, etc. Pela primeira vez na história do Museu tivemos que suspender o trabalho por falta de lugar na Rural para o transporte das peças. Foi impressionante... (MARTIN, 1973c, p. 10)

Estas contribuições espontâneas da comunidade, somadas às doações das diversas coleções oriundas de colecionadores, representam o total de 1231 doações¹⁴ registradas no Museu do Colégio Mauá, sendo que cada doação é composta de uma ou mais peças. Os moradores doavam peças de fácil reconhecimento como pontas de projétil, vasilhas cerâmicas e lâminas de machado polidas.

¹⁴ Informações existentes na ficha de pesquisa arqueológica

Gráfico 02: Pesquisa e Doações registradas por ano pelo Museu Mauá de 1966-1986



Fonte: Elaborado pelo autor¹⁵

No gráfico é visível a grande quantidade de doações anuais ao Museu Mauá.

No início das pesquisas as doações eram mais expressivas em relação à quantidade de material arqueológico coletado pela equipe durante as missões. A quantidade de material pesquisado pela equipe aumenta consideravelmente em relação às doações recebidas a partir do ano de 1968, mantendo essa diferença até 1982. Nos anos de 1983 e 1984 não ocorreu registro de fichas de pesquisa. No ano de 1985 foram preenchidas 20 fichas de pesquisa, referentes a 12 sítios arqueológicos (nestas fichas constam 3 doações). No final (1986), ocorrem duas doações registradas em duas missões arqueológicas. Com elas encerram-se as pesquisas do Museu do Colégio Mauá.

2.2.4 As atividades em laboratório

No decorrer dos vinte anos de atuação na área da arqueologia, o Museu do Colégio Mauá registrou 1127 sítios arqueológicos em diversos municípios do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Após realizar as atividades de campo – coleta de material arqueológico efetuado no sítio ou procedente de doação – era levado ao

¹⁵ Gráfico elaborado a partir da planilha do excel após plotagem de informações das Fichas de Pesquisas Arqueológicas do Museu do Colégio Mauá

Museu onde ficava à espera de registro, limpeza, classificação e destinação, - que poderia ser a reserva técnica ou exposição na seção de arqueológica - dependendo da importância do artefato

De certa forma, o sítio arqueológico “nascia” no momento de seu registro na ficha de pesquisa. Uma missão arqueológica rendia o preenchimento de uma ou mais fichas de pesquisa, dependendo da quantidade de material oriundo da missão e do sítio arqueológico visitado, conforme é possível verificar na Tabela 01 em anexo 1 quanto maior a quantidade de missões realizadas ao sítio mais fichas de pesquisa são preenchidas.

Nas fichas de pesquisa eram anotadas as informações do sítio arqueológico em três etapas. A primeira referente à identificação da pesquisa e do sítio, como nome do proprietário, local da propriedade, lindeiros, se ocorreram explorações anteriores. Na segunda etapa constam informações do sítio: constituição do solo – terra e pedras. Na terceira etapa era anotado o material arqueológico coletado ou recebido através de doações, ou se foi por missão e em qual delas. E por último, as observações eram anotadas e, posteriormente, a data e assinatura do responsável. O primeiro sítio arqueológico 1-1 de Hardwig Ritzel em Vera Cruz, registrado na ficha de pesquisa número 1, foi assinada por Dr. Gastão Baumhardt.

No total, 2826 fichas de pesquisa foram preenchidas e foram organizadas em 57 pastas. As fichas de pesquisa passam a ser um guia para compreender como foram realizadas as atividades arqueológicas nos sítios pesquisados.

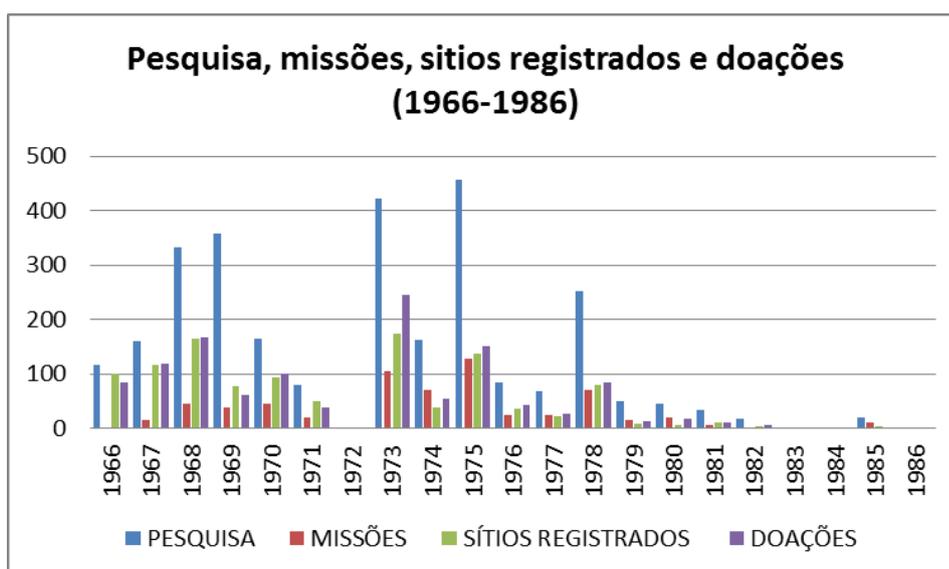
Devido à grande quantidade de detalhes e informações registradas nas fichas de Pesquisa, o sítio 212-1, com 35 missões, rendeu 357 fichas de pesquisa, com registro de detalhes das intervenções arqueológicas, de tal forma que possibilitou seu uso em publicação de Arqueologia Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos n. 4, 1990, do Instituto Anchieta de Pesquisas. A partir das fichas de pesquisas (proprietários anteriores e atuais) contatou-se que os três sítios estavam registrados em nome do proprietário Arno Schroeder, que, posteriormente, vendeu parte das terras onde estavam localizados os sítios, mudando o nome do proprietário para Ervino Quoos e Escolaudi. Assim, o sítio 212-2 passa a incorporar os proprietários conforme aparece na publicação

“do colégio Mauá, localizados nos terrenos de Arno Schroeder, Ivo Scolaudi e Ervino Quoos, Linha Sul, Candelária” (SCHMITZ, 1990, p.8)

Com as ausências de Gastão Baumhard e de Ursula, as fichas de pesquisa não foram mais preenchidas, porém as atividades de campo continuavam a ser realizadas. Quando Ribeiro integra a equipe (1972), dedica-se às missões arqueológicas e a realizar contatos com os moradores da zona rural efetuando palestras, não ocorrendo registros na ficha de pesquisa. Somente em 1973 é que se reiniciam os registros do material arqueológico nas Fichas de Pesquisa, destacando-se este ano como o segundo em quantidade de sítios registrados e pesquisados (422 pesquisas, 177 sítios registrados e 105 missões). O ano com maior intensidade de pesquisa é o de 1975 (456 pesquisas, 138 sítios e 129 missões) conforme gráfico 03.

A partir da plotagem das informações contidas nas fichas de pesquisa arqueológicas elaborou-se o gráfico 3: Pesquisa, missões, sítios registrados e doações (1966-1986) observam a quantidade de pesquisas e missões, doações e sítios registrados a cada ano pelo Museu - no decorrer dos 20 anos de atuação do Museu do Colégio Mauá na arqueologia - para compreender a passagem da pesquisa arqueológica do Museu para a pesquisa histórica e no contexto da arqueologia comunitária para arqueologia acadêmica.

Gráfico 03: Pesquisas, Missões, sítios Registrados e Doações de 1966-1986.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observando o gráfico: Quanto ao registro de fichas de pesquisa nota-se que os anos com maior quantidade de material arqueológico registrado foram: 1968, 1969, 1973, 1975 e 1978. Assim, o registro do material arqueológico - nos dois primeiros anos - iniciou timidamente, ascendendo em 1968 e 1969, decrescendo em 1970, 1971 e não ocorrendo em 1972. Volta a ser pesquisado em laboratório, em 1973, e em grande quantidade. No ano de 1974, ocorre novamente uma diminuição na pesquisa do material e, em 1975, volta-se a ter novamente grande número de fichas preenchidas. Nos anos de 1976 e 1977 ocorre novamente uma diminuição nos registros, tendo um último aumento em 1978 e diminuindo a entrada de material no museu nos anos: 1979, 1980, 1981 e 1982. Não ocorreram registros em 1983 e 1984. Em 1985, foram preenchidas 2 fichas e, em 1986, somente duas fichas. Do início 1966 até a primeira interrupção em 1972, o preenchimento da ficha de pesquisa ocorre naturalmente. Ocorre uma ascendência nos dois primeiros anos, seguida de grande número de material registrado em 1968 e 1969. Ocorre a queda gradual em 1970 e 1971.

Nesta primeira etapa, Dr. Gastão Baumhardt¹⁶ e sua esposa Ursula¹⁷ integram a equipe do Museu do Colégio Mauá. Dr. Gastão nas horas opostas ao magistério dedicava-se ao Museu com as mesmas habilidades profissionais (organização nos mínimos detalhes¹⁸). Dona Ursula, a princípio, na recepção dos visitantes e organização das demais seções. Após a viuvez também efetua o controle e organização do acervo arqueológico preenchendo as fichas de pesquisa.

Em 1972, com a “aquisição” de Ribeiro, conforme palavras de Hardy¹⁹, não ocorre registro de fichas de pesquisa arqueológica²⁰, somente as missões²¹ arqueológicas e palestras conscientizando a população da importância dos sítios arqueológicos. Estas atividades também eram efetuadas pelo professor Ribeiro em turno oposto à sala de aula até 1973 quando deixa a equipe e funda o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul em 1974.

¹⁶ Dr. Gastão Baumhardt faleceu em 1 de abril de 1970

¹⁷ Ursula deixa a o Museu em novembro de 1971

¹⁸ A organização, e as anotações de detalhes é visível nas fichas de pesquisa arqueológicas do sítio 212-1

¹⁹ Informação de MARTIN, Hardy. 11.253 visitantes. *Jornal Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, ano 28, n. 25, p. 6, 23 de mar. 1972.

²⁰ Constatado pela sequencia das fichas de pesquisa arqueológica. A ultima preenchida em 1971 por Ursula sob numero 1213 e a seguinte ficha arqueológica numero 1214 preenchida em 1973, conforme apresentado nas paginas 54 e 55.

²¹ Não havendo livro de missão para consulta, verificamos que foram realizadas missões arqueológicas em 1972 pela reportagens do *Jornal Gazeta do Sul*.

Na segunda etapa, depois do intervalo de 1972 até as últimas pesquisas, nota-se uma ascendência e decadência brusca entre os anos: 1973, 1975 e 1978. Posteriormente, a diminuição dos registros de material arqueológico decresce até findar em 1983 e 1984. Ocorrem 20 registros de fichas em 1985 e 2 fichas em 1986.

A brusca ascendência de pesquisa no laboratório (1973) deve-se ao fato do acúmulo de registro do material de dois anos. O registro do material dos sítios arqueológicos registrados e pesquisados em 1973 e o registro do material arqueológico das missões do ano de 1972. Nota-se que o ano de 1973 foi o ano de maior número de doações efetuadas (possivelmente acúmulo de dois anos). Quanto às missões tem-se um aumento em relação aos anos anteriores. O número de sítios registrados continua estabilizado com os anos anteriores com o ano maior registro (1968).

Nota-se uma diferença nestes dois períodos quanto à forma de registro dos sítios arqueológicos. No ano de 1973, o número de doações é maior que o número de registros, indicando que ocorrem mais registros de sítios arqueológicos durante as missões arqueológicas. Nos primeiros anos de atividade do Museu percebe-se que o número de doações e de sítios registrados é praticamente igual. Significa que a maior parte dos sítios registrados foi efetuada por doações. Diferenciam-se as doações em missão ou no Museu pela quantidade de missões realizadas.

Na segunda etapa, o ano de 1974, apresenta um decréscimo no número de fichas arqueológicas preenchidas, sítios registrados, missões efetuadas e doações recebidas. Em 1974, com a ausência do Ribeiro, o ritmo das pesquisas da equipe do Museu do Colégio Mauá diminuiu. No entanto, observando-se o número de missões realizadas, ele é maior em relação aos sítios registrados e às doações. Tal fato acrescenta um dado à pesquisa do Museu Mauá: o maior número de registros de sítios arqueológicos realizados, durante as missões, significa menor número de registros de sítio por doação e, dos registrados em doação, o maior número foi durante as missões. Nos anos seguintes, independente da quantidade de fichas de pesquisas arqueológicas preenchidas (quantidade de material), o número de sítios arqueológicos registrados, missões efetuadas e doações recebidas são proporcionais. O sítio arqueológico era registrado durante a missão arqueológica no local, podendo ter recebido a doação durante a missão. Isso representa uma atenção maior à procedência do material e fidelidade ao

local do sítio registrado na segunda etapa, desde a integração do Ribeiro na equipe. O sítio é registrado com maior rigor científico.

No ano de 1975, temos o maior número de fichas arqueológicas preenchidas. Resultado do grande número de material arqueológico, oriundo das missões realizadas e doações recebidas dos sítios registrados.

Nos anos de 1976 e 1977, ocorre novamente uma queda nas atividades arqueológicas do Museu. Menor número de fichas é preenchida, sítios registrados, doações recebidas e missões efetuadas. Esta diminuição no ritmo não representa a ausência na pesquisa, mas, a partir deste momento, a maior concentração no estudo de determinados sítios arqueológicos fazendo a análise do material arqueológico. São feitas comparações para obter resultados para publicações²². Contribui para a diminuição do número de missões no ano de 1976 o fato da equipe ter se deslocado para Santa Catarina a fim de fazer estudos naquele estado, de acordo com publicações de Hardy em artigos do Jornal Gazeta do Sul²³.

Em 1977, com a projeção das atividades do Museu na área da arqueologia e também das outras seções, a antropologia e história, passa a receber convites para participar de reuniões do Centro de Estudos Museológicos e de Ciências do Homem, comitê brasileiro do ICOM (Internacional Council of Museum) no Rio de Janeiro e Encontro Sul-riograndense de Museus em Bagé²⁴. Além de representar o Museu do Colégio Mauá nestes eventos, o Diretor Hardy passou a integrar o Conselho Estadual de Cultura e o Instituto Histórico de São Leopoldo.

No ano de 1978, ocorre aumento no registro de fichas de pesquisa com relação ao ano anterior, mas inferior ao de 1975. No ano de 1978, foram registrados mais sítios e doações, porém o número de pesquisas é expressivamente maior. Destacam-se as inúmeras viagens feitas aos mesmos sítios arqueológicos. Em junho deste ano, o Diretor

²² A missão foi efetuada em janeiro de 1976 com objetivo de buscar dados para publicar Antropologia 4. Período Pré- Cerâmico na região de Santa Cruz do Sul. Informações de MARTIN, Hardy. Confiança. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 48, p.2, 23 de abr. de 1977.

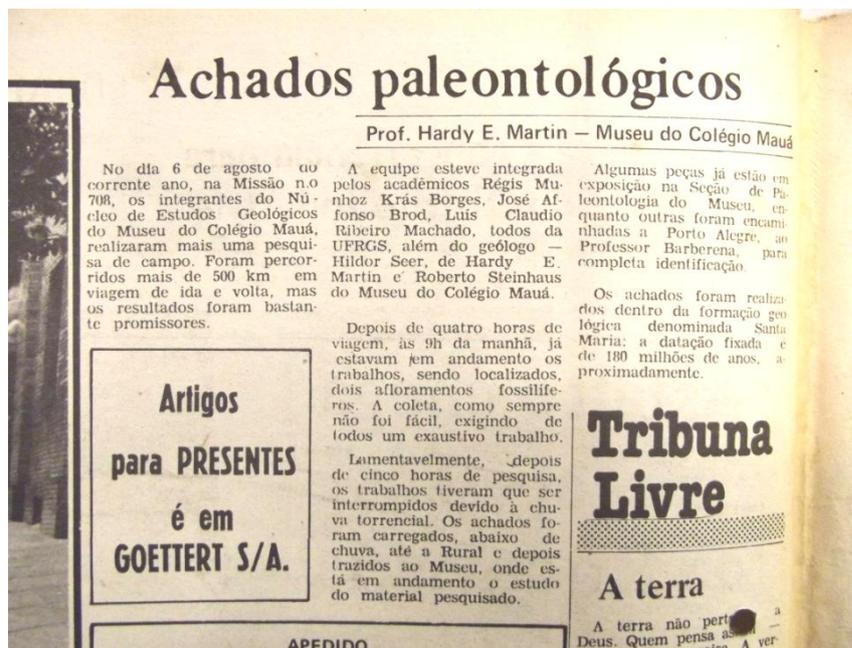
²³ Informações extraídas de MARTIN, Hardy. 1357km. **Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul**, ano 32, n. 19, p. 2, 14 de fev. 1976. MARTIN, Hardy. Urna Funerária. **Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul**, ano 32, n. 20, p. 2, 17 de fev. 1976. MARTIN, Hardy. Tigela extraordinária. **Gazeta do Sul, Santa Cruz do Sul**, ano 32, n. 21, p. 9, 19 de fev. 1976.

²⁴ Informações extraídas de MARTIN, Hardy. Encontro Sul- Riograndense de Museus. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 122, p. 10 . 15 de out. 1977.

Hardy assume mais um compromisso com a cultura: preside o Conselho Municipal de Cultura de Santa Cruz do Sul.

Assim, com diversos cargos culturais de importância local, regional e estadual acumulados com os cargos de diretor do Colégio Mauá, Hardy passa a dedicar-se às pesquisas históricas. A partir de então, dá maior ênfase aos artigos voltados à história. Enquanto isso, a equipe de pesquisa volta sua atenção para a paleontologia (desde 1979) com o Núcleo de Estudos Geológicos. Com a colaboração do geólogo Carlos Simões Pires Geske²⁵ localizam um fóssil (6 de agosto de 1982) e organizam uma exposição (1984) divulgada por Hardy nos artigos “Estudos Paleontológicos”²⁶, “Museu: espetacular fossilizações”²⁷ e “Pesquisa paleontológica”²⁸.

Fotografia 09: Artigo “Achados paleontológicos”



Fonte: CEDOC/UNISC²⁹

²⁵ MARTIN, Hardy. Núcleo de Estudos Geológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 35, n. 46 p.13, 21 de abr. 1979.

²⁶ MARTIN, Hardy. Estudos Paleontológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 40, n. 56, p. 2, 7 de jun. de 1984.

²⁷ MARTIN, Hardy. Museu: espetacular fossilizações. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 40, n. 103, p. 4, 29 de set. 1984.

²⁸ MARTIN, Hardy. Pesquisa Paleontológica. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 38, n. 30, p.4, 16 de mar. 1982.

²⁹ MARTIN, Hardy. Achados paleontológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 38, n. 97, p.2, 21 de ago. de 1982.

Em notícia - “Museu Mauá descobre fragmentos fósseis de 180 milhões de anos” - é apresentada a equipe de pesquisa.

“O Núcleo de Estudos Geológicos do Museu do Colégio Mauá constituído por Hildor José Seer, Régis Munhoz, Kráz Borges, José Afonso Brod, Luis Claudio Ribeiro Machado, Marcia Elisa Boscato Gomes, junto com Roberto Steinhaus e o professor Hardy Martin. A supervisão e orientação esta a cargo do professor Mario Barberena, catedrático do Setor de Paleontologia de Vertebrados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (GAZETA DO SUL, n. 102, ano 38, 2 set. 1982, contra capa)

Dos integrantes da equipe, somente Roberto e Hardy são remanescentes das pesquisas arqueológicas do Museu Mauá.

Na reserva técnica era acondicionado o material arqueológico não exposto na secção de arqueologia, composta por duas salas em anexo ao Museu. A localização do material era efetuada pelo número de pesquisa e do sítio arqueológico, informações coladas na parte externa da caixa e a ficha localizada junto ao material no interior do recipiente.

Quando o acervo arqueológico do Museu do Colégio Mauá passou a ser transferido para o Centro de Ensino e pesquisas arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul, no ano de 2007, o mesmo foi higienizado e transferido para a reserva técnica do CEPA. Recebe identificação própria do Museu de acordo com a sequência em que estava sendo transferido. No entanto, algumas peças não puderam ser identificadas devido às fichas estarem danificadas.

2.3 A Divulgação

Criado para divulgar a cultura do Município de Santa Cruz do Sul para a região e apresentar a história da região para os visitantes, o Museu divulgava (periodicamente), através do seu Diretor, as exposições de suas seções de arqueologia, paleontologia, mineralogia, etnologia, numismática e histórica à sociedade regional - por meio de artigos no Jornal Gazeta do Sul - além de realizar Exposições e publicar trabalhos em

Revista. A vasta abrangência de temas nas seções e a dedicação da equipe do Museu à arqueologia, à história e, posteriormente, à paleontologia fez o museu ser reconhecido pela sociedade. O grande número de visitantes anuais ao Museu é a prova.

A relação do Museu com a comunidade local é uma das ações mais marcantes no período estudado. A comunidade identificava-se com as seções do Museu, contribuía com inúmeras doações, demonstra orgulho pela tradição germânica, legitima sua história na região e reconhece a ocupação indígena anterior.

2.3.1 A exposição no Museu

O Museu do Colégio Mauá, a princípio formado por coleções de acervos particulares para estudo e instrução dos estudantes do Colégio Mauá, quando aberto ao público em parceria com a Prefeitura Municipal - com o objetivo de divulgar a cultura Santa Cruz do Sul - aumentou seu acervo consideravelmente. Com o passar dos anos, tornou-se um dos maiores Museus do Estado. Recebia expressiva visitação da comunidade local e de diversas regiões do Rio Grande do Sul, do Brasil e do exterior.

Aos três anos de atuação (1969), o Museu do Colégio Mauá contava com as seções de arqueologia, mineralogia, paleontologia, zoologia e a sala História e Colonização do Município³⁰, abertas a visitação pública. Era possível apreciar, nas seções de Arqueologia, artefatos utilizados pelos primeiros habitantes da região: machados circulares, pontas de flecha, boleadeiras, vasilhas de cerâmicas, entre outros; na de Mineralogia: pedras preciosas e semipreciosas brutas de Minas Gerais; na seção de Paleontologia: ossos e outros fósseis; na Zoologia: 260 espécies de aves de rapina, aquáticas e trepadoras, pássaros cantores, mamíferos e répteis; na sala de História e Colonização do Município e Região havia um arquivo completo dos jornais “*Kolonie*” “*Volksstimme*” – “*Fortschritt*” – “*Santacruz*” – “*Anzeiger*” – “*Voz do Progresso*”, “*Die Neue Zeit*”, levantamento parcial da Sociedade Ulanos, de Atiradores e Lanceiros, de Damas, com as respectivas bandeiras, uniformes, armas e mais de 600 medalhas comemorativas.

³⁰ Acervo de documentos e jornais é transformado em arquivo histórico no Museu Mauá. Posteriormente, o Arquivo Histórico passa a ocupar prédio próprio mas retorna ao Colégio Mauá sob os cuidados de Roberto Steinhaus. Atualmente, este Arquivo documental passou aos cuidados do CEDOC - Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A seção de arqueologia era constantemente renovada com os artefatos arqueológicos das missões realizadas e doações expostas e apreciadas pela população. Exemplo é o crânio de índio localizado durante a missão arqueológica 79, no dia 27 de junho 1967, em Linha Dona Josefa.

O destino eram as terras de Friedhold Seibert a fim de fotografar uma grande laje com sinais ideográficos ali existente. Depois de concluída esta pesquisa de n 206, o Sr. Edgar Beilke morador vizinho e colaborador do museu, comunicou um “pote de bugre” (...) Hoje o sensacional achado encontra-se em exposição no Museu do Colégio Mauá, sendo o primeiro índio guarani – crânio – a “engalanar” o Museu. É um dos resultados mais positivos do trabalho arqueológico e merece especial destaque o trabalho do Sr. Gastão Baumhardt (GAZETA DO SUL, ano 23, n. 91, 6 dez. de 1967, p.1.)

Em 1974, a seção de arqueologia se apresentava organizada conforme a utilidade dos artefatos expostos - conforme Martin (1974) - para furar, para bater, para cortar, esmagar, para adornar e a cerâmica. Além dos objetos arqueológicos da Redução Jesus–Maria, localizada pela equipe do Museu em 20 de julho de 1969.

Fotografia 15: Seção de Arqueologia



Fonte: CEPA/UNISC, doação Roberto Steinhaus.

O convite feito à comunidade pelo Prof, Hardy em seus artigos para virem apreciar as exposições do Museu do Colégio Mauá. E resultava em grande número de visitantes de diversas regiões (“11.253” pessoas). O Museu cumpria com a sua função de levar cultura à comunidade e projetar Santa Cruz do Sul

Realmente, o nosso Museu esta fazendo o possível para cumprir com a missão de colaborar com o turismo. As estatísticas são necessárias e servem para orientar e mostrar aos dirigentes e responsáveis quais os caminhos a seguir. São interessantes também os dados referentes a visitação do Museu do Colégio Mauá, ano de 1971: Estudantes – 1963 alunos, das seguintes localidades, incluídos o do nosso município: Cachoeira do Sul, Santa Maria, São Jerônimo, Santo Ângelo, Sobradinho, Rio Pardo e Monte Negro. Professores: 90 mestres acompanharam os discípulos acima citados. Adultos – 9200 pessoas. Foram visitantes de: Santa Cruz do Sul, Três Passos, São Borja, Porto Alegre, Santa Maria, Passo Fundo, Taquara, Cachoeira do Sul, Uruguaiana, São Jeronimo, Sobradinho, Caçapava do Sul, Rio Pardo, Venâncio Aires, Monte Negro, Caxias do Sul, Santo Antônio das Missões, Cacequi, Vera Cruz, Lajeado, Barros Cassal, Soledade, São Luiz Gonzaga, Rosário do Sul, Mondaí, Horizontina, Bagé, Pelotas e Rio Grande. **Do exterior** : Alemanha, Estados Unidos, Holanda, França, Bélgica, Uruguai, Argentina. De outros Estados do Brasil: Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, Bahia. (MARTIN, 1972b, p. 6)

O número de apreciadores aumentava significativamente nos meses de outubro quando era realizada a Festa Nacional do Fumo e, posteriormente, em sua substituição, a Oktoberfest. Neste período, o Museu mantinha um horário especial para atender o público. E, também, no mês de abril em homenagem ao índio (1975).

O livro de visitas à disposição para registrar a presença do visitante também era utilizado para registrar as impressões que obtiveram ao apreciar as exposições das secções do Museu.

“Registro com uma imensa satisfação o que aqui vi . Parabéns a uma comunidade como esta e em particular a essa escola, pelo carinho e valor histórico e cultural de seu Museu. – Cel. Mauro da Costa Rodrigues .”

“Cumprimento a população santa-cruzense por este maravilhoso Museu e pela dedicação e entusiasmo dos seus mantenedores. – Harry Antun.”

“Após uma ausência de 38 anos, a visita a este Museu recompensou a nossa viagem da Alemanha. – P. Martin Westphal e Marga Westphal” (MARTIN, 1972b, p.6)

Temos ainda o registro da visita de André Prous Poirier que veio estudar os zoólitos.

O prof. Poirier, formado na França, veio ao Museu, especialmente, para estudar os zoolitos. Ficou encantado com o material lítico e com a organização do nosso Museu. Prova disso está no termo lançado no livro de visitas, em francês e que traduzimos: “Com nossos cumprimentos pela boa apresentação do Museu e pelo trabalho efetuado em benefício da Arqueologia” (MARTIN, 1971a, p.3)

No livro de presença, ainda observa-se o agradecimento da Coordenadora Pedagógica da Escola Milton da Cruz, do Município de Cachoeira do Sul, que realizou visita em 30 de novembro de 1971. “Após observação das diversas peças e espécies raras, constatamos a importância deste museu, sua colaboração cultural prestou enriquecendo nossos educandos”. Zeni Marciel Pereira – Coordenadora Pedagógica (LIVRO de Visitas de março de 1970 a maio de 1972)

2.3.2 Os artigos do Jornal Gazeta do Sul

Outra forma de divulgação do Museu do Colégio Mauá foi por intermédio da imprensa escrita. Foram 411 reportagens no Jornal Gazeta do Sul - desde a fundação do Museu em 1966 até o ano de 1986 - quando se encerraram as pesquisas arqueológicas. Deste total, 52 são notícias do Museu, editadas pelo jornal e os demais 359 são artigos de Hardy Martin referentes ao Museu: as pesquisas arqueológicas, a paleontologia e a história.

Dos 359 artigos publicados por Hardy, 94 são referentes ao tema da arqueologia, onde descreve os principais achados arqueológicos, como eram realizadas as missões, as doações recebidas, entre outros.

Em “*Iniciada sensacional pesquisa arqueológica*”³¹, publicado em 1974 pelo Diretor Hardy, descreve minuciosamente o trabalho desenvolvido pela equipe do

³¹ MARTIN, Hardy. Iniciada sensacional pesquisa arqueológica. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 31, p.2, 17 de abr. 1974.

Museu no sítio arqueológico na propriedade de Ervino Quoos. Mais o artigo “5.000 pontas de Flecha.”

Estão concluídas todas as fichas de pesquisa do Museu. Foi um trabalho exaustivo, mas recompensador. Os resultados serão em breve, levados ao conhecimento dos interessados. Um fato porém, já se ressalta: possui o Museu mais de 5000 pontas de flecha. Isto torna o conjunto o maior do Brasil, provavelmente. Desnecessário dizer o valor arqueológico que estas peças representam para qualquer estudo. (MARTIN, 1975a, p.2)

Os resultados das pesquisas arqueológicas eram publicados no Jornal também pelo Diretor Hardy. Em “*Periodo Pré-cerâmico na região de Santa Cruz*”³² descreve a fase Rio Pardinho e a fase Santa Cruz. Ambas criadas pelo Museu após estudo de inúmeros sítios na região.

Os artigos escritos por Hardy apresentam em detalhes as ações arqueológicas da equipe e foram fontes surpreendentes para desenvolver esta pesquisa. Não seria possível citar cada um deles. Por isso fez-se a seleção para demonstrar como agia a equipe nas pesquisas arqueológicas.

2.3.3 A revista do Museu e publicações conjuntas

Os integrantes da equipe do Museu do Colégio Mauá, durante sua atuação arqueológica, buscaram informar-se quanto à melhor maneira de fazer pesquisa arqueológica desde o princípio. Dona Ursula Baumhardt (1969) participa do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências, promovido por Pedro Ignácio Schmitz. Também foram realizadas parcerias para preencher uma lacuna nas pesquisas arqueológicas e a publicação científica, não somente em artigos no jornal.

Dentro de breves dias devera estar circulando o primeiro folheto publicado em trabalho conjunto – Instituto Anchieta de Pesquisas de São Leopoldo e Museu Colégio Mauá – a respeito de trabalho em nossa região. Deverá ser inicio de uma serie de publicações, tão exigidas pelos estudiosos do assunto. O segundo boletim talvez já sob os auspícios únicos do Museu do Colegio Mauá, versará sobre o sítio n. 300, em terras do Sr. Hardy Priebe, em Linha do Rio, Candelária, explorado pela equipe do Museu de nossa cidade. Os trabalhos neste local – sua

³² MARTIN, Hardy. Periodo Pré-cerâmico na região de Santa Cruz. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n. 81, p.2, 17 de jul. 1975.

primeira fase - estão concluídos tendo sido escavados 28 m quadrados, profundidade de 85 cm. (MARTIN, 1970d,p. 3)

A equipe do Museu Mauá estava ciente das dificuldades e da exigência de realizar publicações em revistas específicas de arqueologia para serem reconhecidos como pesquisadores arqueólogos. Em parceria é publicada a Revista Pesquisas, nº 23 de Antropologia com o artigo “Arqueologia do Vale do Rio Pardinho”, de autoria de Pedro Ignácio Schmitz, Itala Irene Basile Becker, Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Gastão Baumhardt, Ursula Baumhardt, Hardy Martin, Roberto Steinhaus e José Proenza Brochado³³.

Posteriormente, o Museu publicou revista própria.

Em 1976, em comemoração aos dez anos do Museu do Colégio Mauá, é publicado pela APESC – Associação Pró Ensino de Santa Cruz do Sul - o nº 4 da Revista do CEPA e Museu do Colégio Mauá: Antropologia 3 “A Redução Jesuítica de Jesus Maria, Candelária, RS.”

2.4 Da Pesquisa Arqueológica para a Pesquisa da História da Região

O Museu do Colégio Mauá, no decorrer dos 20 anos de atuação na pesquisa arqueologia (1966 a 1986), desenvolveu suas atividades com maior intensidade: 1968, 1969, 1973, 1975 e 1978. A ausência de registro de pesquisas ocorre em 1972 (refere-se ausência de registro das missões realizadas) e em 1983 e 1984 a diminuição das pesquisas até sua finalização (gráfico 3).

Ao comparar os artigos de escritos por Hardy Martin, no mesmo período de 20 anos, nota-se que, na medida que as pesquisas arqueológicas estavam no auge, aumentavam os artigos referentes ao tema de arqueologia. No momento em que as

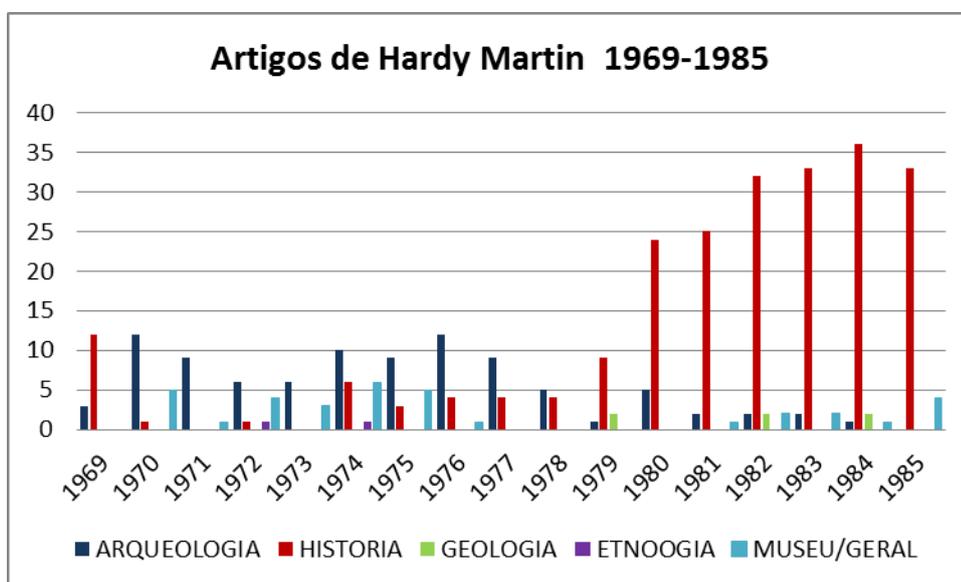
³³ MUSEU Mauá em publicação: arqueologia do Vale do Rio Pardinho. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n.67, 22 ago. 1970, contra capa.

pesquisas arqueológicas diminuíram, aumentaram os artigos de temas da história da região. Vide o gráfico abaixo.

Desde a fundação do Museu - em 1966 até o ano de 1986 - quando encerraram as pesquisas arqueológicas, foram publicadas 411 reportagens no Jornal Gazeta do Sul. Deste total, 52 são notícias do Museu, editadas pelo Jornal e os demais 357 são artigos de Hardy Martin editados a partir de 1969³⁴. Referem-se ao Museu: as pesquisas arqueológicas, a paleontologia, história, etnologia e artigos gerais do museu (visitação, horário de funcionamento, convites).

Dos 357 artigos publicados por Hardy: 94 são referentes ao tema da arqueologia, 2 à etnologia, 5 à paleontologia, 221 à história e 35 ao Museu/geral. Desde 1969, o Diretor publicava artigos referentes à história local. Seu primeiro artigo publicado no período estudado é “Acontecimentos Históricos. O Tratado de Tordesilhas” (6 de agosto de 1969).

Gráfico 04: Artigos de Hardy Martin 1969-1985.



Fonte: elaborado pelo autor

Ao observar o gráfico dos temas dos artigos do diretor Hardy, nota-se que se dedicava à arqueologia e à história desde o princípio, dando maior destaque a

³⁴ Primeiro artigo de autoria de Hardy Martin no Jornal Gazeta do Sul é de 6 de agosto de 1969. Dados da planilha do excel – organização dos artigos e notícias do Jornal Gazeta do Sul.

determinado tema conforme as atividades do Museu. Assim, em 1969, os artigos de arqueologia aparecem timidamente, recebendo maior atenção de seu autor em 1976. Diminuem à medida que aumentam os artigos referentes ao Museu de forma geral. Nota-se que os artigos do tema arqueologia diminuem em 1974 (fundação do Cepa) e os artigos referentes à História iniciam seu crescimento até se tornarem maior número, a partir de 1979. Neste ano é criado o núcleo de geologia, continuando sua ascendência até 1985. Enquanto isso, os artigos de arqueologia decrescem da mesma forma que terminam as pesquisas.

Desta forma, a hipótese se confirma. Após a fundação do Cepa, a equipe do Museu Mauá passa a voltar sua atenção para a história regional em substituição gradual da arqueologia.

3 A ARQUEOLOGIA CIENTIFICA E PATRIMONIAL: CEPA UNISC

A Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (Apesc), mantenedora da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), foi criada em 17 de março de 1962, conforme Kipper e Neumann (2012,p.9). Era integrada por entidades representativas da comunidade: sociedades escolares e religiosas, associações empresariais e profissionais, sindicatos, empresas de comunicação e clubes de serviço que objetivavam a implantação de faculdades em Santa Cruz do Sul do mesmo modo que estava ocorrendo em Santa Maria e região metropolitana do Estado. Estava chegando o momento em que o colégio da comunidade já não conseguia oferecer toda a formação e treinamento necessários para a nova sociedade que se estava constituindo.

Assim, criaram-se as primeiras faculdades: a Faculdade de Ciências Contábeis (1964), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1967), a Faculdade de Direito (1968) e a Escola Superior de Educação Física (1970). No ano de 1980, o MEC aprovou a união das quatro faculdades, dando origem às Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul - FISC. Em 1991 foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação – CFE - a Carta-Consulta iniciando o processo para a criação da Universidade que, em 1993, resultou na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC³⁵.

A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras surgiu, em 1967, por intermédio da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição de Santa Maria (FIC), mantida pelas Irmãs Franciscanas, com número reduzido de candidatos devido à criação da Universidade Federal em Santa Maria. A manutenção do curso das irmãs franciscanas apoiou-se na criação da extensão em Santa Cruz do Sul. Assim, em 1967, após a realização do vestibular, que contou com 123 candidatos, começaram a funcionar duas Licenciaturas na cidade: o Curso de Letras Francês e Inglês e o Curso de Pedagogia. No ano seguinte, passou a ser oferecido o curso de Estudos Sociais segundo Kipper e Neumann (2012, p.27). As aulas ocorriam em salas do Colégio Normal Sagrado Coração de Jesus³⁶, localizado ao lado da Catedral.

³⁵ Informações extraídas do site <http://www.unisc.br/portal/pt/a-unisc/a-universidade>

³⁶ Atualmente este prédio esta sediando a Faculdade Don Alberto

3.1 A fundação do CEPA

O Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, CEPA, fundado em 1974, foi o primeiro centro de pesquisa criado pela APESC e foi colocado sob a coordenação do Professor Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Era ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o propósito de apoiar a capacitação docente, ministrar cursos para o aprofundamento da disciplina de Antropologia Cultural, bem como a Pesquisa Arqueológica no sentido da reconstituição das formas de vida do passado no Rio Grande do Sul e da região do Vale do Rio Pardo.

Inicialmente, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas localizava-se em prédio na rua Coronel Oscar Jost onde, a partir de seu segundo ano de atividades, ampliou seu espaço para duas salas e uma delas subdividida em laboratório, exposição e depósito. A partir da década de 1980, alguns cursos passaram a ser ministrados no atual campus, na Av. Independência, para onde foram gradualmente transferidos. Posteriormente, o CEPA recebeu bloco próprio para sua função construído com recursos oferecidos pela Prefeitura Municipal de Vera Cruz.

Fotografia 22: Antigo CEPA, bloco 27 campus Unisc.



Fonte: cepa – unisc

O propósito era dar apoio à capacitação docente, ministrar cursos para o aprofundamento dos acadêmicos do Curso de Estudos Sociais nas disciplinas de Antropologia Cultural, História e História do Brasil e proporcionar curso de Introdução à Arqueologia.

Este curso dividia-se em duas etapas: a primeira compreendia o conhecimento de técnicas de campo e laboratório; a segunda em complementação à primeira com a publicação de um trabalho científico original.

Além das aulas teóricas desenvolvidas em sala de aula pelo coordenador do CEPA, os alunos participavam de palestras ministradas por especialistas no campo da arqueologia, de aulas práticas em campo e laboratório, de viagens de estudo a museus, centros de pesquisa e locais de relevância histórica e participavam de Congressos arqueológicos no Brasil e no exterior.

O primeiro sítio arqueológico a ser registrado no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas foi o RS-RP: 01 – Sítio Amanda Barth - com o qual o arqueólogo Ribeiro obteve contato quando integrava a equipe de pesquisa do Museu do Colégio Mauá. No Cepa, o Sítio foi intensamente visitado pelos estudantes dos cursos da faculdade e de extensão, pois nele eram realizadas as atividades práticas das disciplinas.

Fotografia 24: Alunos em atividade de campo em 1974



Fonte: CEPA/UNISC

A primeira turma de 24 alunos do Curso de Extensão Universitária - denominado “Arqueologia da América” - recebeu certificado em 6 dezembro de 1974, deixando-os aptos para auxiliar em atividades arqueológicas. Entre os formandos estavam Luiz Carlos Dueren e Itala da Silveira que integraram a equipe do Cepa.

3.2 A Equipe de Pesquisa

A equipe de pesquisa era composta por voluntários: acadêmicos do curso de Filosofia, Ciências e Letras além membros da comunidade que tinham realizado o curso e permaneciam na equipe prestando serviço.

Desta maneira, os integrantes da equipe do CEPA eram formados por pessoas aptas a trabalharem com o patrimônio arqueológico e haviam sido preparadas para as atividades de campo e laboratório, segundo apresenta o artigo da Faculdade de Filosofia na Gazeta do Sul.

Grande parte de nosso trabalho de pesquisa tem sido realizado com os alunos, alguns dos quais já aptos a realizarem coletas superficiais sistemáticas e prospecções, em campo, classificação e análise de material, em laboratório. Uma aluna, Itela da Silveira, Licenciada em Moral e Cívica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, RS, consegue bolsa de pesquisa junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), categoria Aperfeiçoamento. Seu projeto, orientado pelo Coordenador do CEPA, prof. Mentz Ribeiro, abrange o planalto entre os vales dos rios Pardo e Jacuí. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através de Auxílio, vem amparando as pesquisas de nosso Centro. As Áreas onde o CEPA vem desenvolvendo o seu trabalho são os vales dos rios Caí, Taquari e Pardo. (GAZETA DO SUL, ano 33, n. 59, p. 8, 21 mai. 1977)

Analisando os artigos “Notícias do CEPA”, publicados pela Faculdade de Filosofia no Jornal Gazeta do Sul, identificam-se alunos dos cursos que compunham a equipe do CEPA em períodos variados (1974 a 1983). Nota-se que alguns iniciavam como estagiários e, posteriormente, integravam a equipe como colaboradores e seguiram a carreira no ramo arqueológico.

3.3 As Pesquisas Arqueológicas

O Centro desenvolvia as pesquisas com o auxílio dos colaboradores, recebia auxílio das empresas da região como a doação de um Jepp da Companhia Souza Cruz e uma vitrina das organizações MERCUR (GAZETA DO SUL, ano 33, n. 124, 20 out.

1977, p. 3). Os recursos financeiros para desenvolvimento das pesquisas eram oriundos de projetos financiados pelo Estado ou a União.

A Fundação de Amparo á Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) é uma entidade, como o próprio nome deixa claro, de amparo a pesquisa científica, em vários ramos do nosso Estado. (...) O coordenador do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas tem conseguido, para os seus projetos de pesquisa, auxílio desta entidade, em 4 oportunidades (Museu Arqueológico do Estado do RGS – 2 vezes; Museu Colégio Mauá – 1 vez; CEPA – 1 vez). Agora com o projeto de Levantamentos arqueológicos nos vales dos rios Pardo, Taquari e Cai, conseguiu para sua entidade, a importância de Cr\$ 12 mil (doze mil cruzeiros). Destina-se a financiar, durante 18 meses, expedições científicas, material permanente e de consumo e serviços técnicos. (GAZETA DO SUL, ano 31, n. 75, 3 jul. 1975, p. 8)

Durante o curso, alguns alunos interessados em participar das pesquisas tornavam-se voluntários ou recebiam bolsa de estudo de incentivo à pesquisa e, ao terminar o curso, permaneciam como colaboradores. Nesta fase, a equipe se restringia a um grupo menor que fazia as expedições nas áreas de abrangência dos projetos que o Cepa estava desenvolvendo. Em campo, as atividades eram coordenadas por Ribeiro. A área do sítio era demarcada por quadrículas, cada uma com número, em ordem crescente a partir do datum. A área demarcada era escavada em níveis artificiais, a terra era peneirada em peneira instalada sobre uma caixa de madeira. O material era colocado em sacos de pano com as respectivas identificações. O material da quadricula era evidenciado, fotografado e registrado na ficha de campo que continha as características do sítio, planta baixa e croqui de localização.

Fotografia 25: Escavação de sítio arqueológico



Fonte: CEPA/UNISC

Após as expedições, o material coletado era conduzido ao laboratório e iniciava-se o processo mais moroso da pesquisa tendo em vista o cuidado no manuseio do material arqueológico. No artigo “CEPA – três anos de atividade”³⁷, (GAZETA DO SUL, 1977, p.8) em comemoração aos três anos do centro, o autor expressa que “para 126 dias de trabalho de campo foram necessários 730 dias de atividade em laboratório”.

Para prática eficaz, o laboratório estava organizado de acordo com a sequência em que o material ia sendo manuseado. A entrada do material era pelo depósito onde ficava reservado em sacos de algodão com a procedência devidamente identificada com relação à origem; em seguida, era conduzido à limpeza nas pias, lavado e deixado secar nas esteiras. Da esteira, o material era disposto nas mesas onde era realizada a catalogação – numeração das peças - conforme livro de registro do CEPA. Na sequência, a classificação e análise do material e, posteriormente, acondicionado em caixas identificadas, conforme o número de catálogo registrado no livro de registro do CEPA.

Os dados extraídos eram convertidos em publicações na Revista do CEPA, apresentações em Congressos e Seminários no Brasil e no exterior, ou ainda, divulgados em palestras nas escolas ou em artigos do jornal

No Livro de Catálogo Geral, todos os sítios localizados pelo CEPA são registrados e também as doações recebidas. Ele é que norteia a organização e possibilita a localização do material de determinado sítio arqueológico nas prateleiras da reserva técnica. No livro consta o Catálogo (número de identificação que o material arqueológico recebe ao dar entrada no CEPA)

A numeração do material do sítio arqueológico ou doação é efetuada após a higienização das peças e registro no Livro de Catálogo. Neste momento ocorre a formalização e reconhecimento do sítio no laboratório para as pesquisas do momento e o acondicionamento para pesquisas futuras.

Além do Livro de Registro Geral do Cepa, o sítio possuía informações percebidas durante o campo, registradas no diário de campo pelo coordenador e

³⁷ CEPA três anos de atividades. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 59, 21 mai. 1977, p. 8

transcritas para fichas de diário de campo. Estas apresentavam informações fornecidas pelo proprietário (como chegar ao sítio, intervenções anteriores, localização do sítio em relação a altitude, da fonte de águas, relevo, solo e outras) e informações produzidas em laboratório: número de sítio, número de catálogo e nome do proprietário.

As informações do diário de campo, acrescidas de outras informações, eram repassadas em Ficha de Registro de Sítio Arqueológico, a qual possui as características do sítio arqueológico: sítio, localidade, Estado, município, designações anteriores, proprietário e endereço, proprietário anterior e endereço, arrendatário ou proprietário atual, delimitação e descrição do sítio, área, espessura, altura, vegetação, água mais próxima, tipo de solo do local, tipo de solo dos arredores, pesquisa ou escavações anteriores, tipo de cultivo, erosão, possibilidades de destruição, material arqueológico, início da pesquisa, término da pesquisa, observações, referências anteriores, coleção, fotos, desenhos ou material suplementar, pesquisador. Tudo registrado por data.

As caixas de material na reserva técnica são numeradas conforme o material contido, ou seja, com o número de catálogo do sítio arqueológico contido no Livro de Catálogo Geral do Cepa.

3.4 A Divulgação

A divulgação das atividades do Cepa e das pesquisas era realizada de três maneiras diferentes e para públicos distintos. Periodicamente, era publicado pelo curso da Faculdade de Filosofia o artigo “Noticias do CEPA”, no qual eram mencionadas as principais atividades dos cursos ministrados por Ribeiro, as viagens de estudo, a participação em congressos no Brasil e no exterior, projetos aprovados e doações recebidas. Através dos artigos, a comunidade local e regional era informada das notícias e temas do meio acadêmico, participando da construção da universidade.

A primeira Revista do Cepa foi publicada em 1974 com o artigo “Os petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil – nota prévia”³⁸. Resultado de pesquisa

³⁸ MENTZ RIBEIRO, P. A. M. Os Petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil – Nota Prévia. **Revista do CEPA**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul Santa Cruz do Sul, n.1. 22 p. 1974

efetuada pelo coordenador do Cepa, em 1973. No ano seguinte, o nº2 da Revista apresenta “Os abrigos-sob-rocha do Virador. Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nota prévia”³⁹. Os petróglifos foram localizados por Ribeiro, em 1969, e levou à realização da pesquisa. O nº 3 da Revista foi publicado em 1976 e apresenta “Método para classificação de pontas-de-projétil e algumas aplicações praticas”⁴⁰, utilizando amostras de seis áreas do Estado. Assim, anualmente era editada a Revista do Cepa a fim de divulgar para o meio acadêmico as pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas no decorrer do ano. A partir de 1995, a Revista do CEPA passou a ser editada semestralmente com a contribuição de arqueólogos de diversas instituições de ensino superior e com o objetivo de divulgar os trabalhos desenvolvidos pelos mesmos. Foi o enquadramento da Revista em normas que vinham emanando da CAPES.

O CEPA participou de Congressos no Brasil e no exterior, divulgando as pesquisas e estreitando laços de pesquisa e amizade com arqueólogos de diversas instituições. Em 1974, Pedro Augusto Mentz Ribeiro e equipe participaram do III Congresso Nacional (uruguaio) de Arqueologia e do IV Encuentro de Arqueologia del Litoral⁴¹. Em 1977, integraram o V Encontro de Arqueologia do Litoral⁴² e o VII Congresso de Arqueologia do Chile⁴³. Em 1978, participaram do V Congresso Nacional de Arqueologia Argentina e Primeiras Jornadas de Arte Rupestre da Província de San Luiz⁴⁴, do Simpósio promovido pelo DAC-SEC, da I Jornada Brasileira de

³⁹ MENTZ RIBEIRO, P. A. M. Os Abrigos-sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil – Nota Prévia. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul n.2. 25 p. 1975

⁴⁰ MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & HENTSCHE, Oscar. Método para classificação de pontas-de-projétil e algumas aplicações práticas. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, n. 3. 7-71 p.1976.

⁴¹ NOTICIA do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 38, 3 out. 1974, p. 4

⁴² CEPA no Uruguai. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 128, 29 out. 1977, p. 5

⁴³ UMA visita ao Chile sempre vale a pena. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 134, 12 out. 1977, p. 11.

⁴⁴ PROF. Mentz Ribeiro na Argentina. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 34, n. 43, 11 abr. 1978, p. 7.

Arqueologia⁴⁵ e do IV Congresso Nacional de Arqueologia (Uruguai). Em 1979, marcaram presença no 6º Encontro de Arqueologia do Litoral⁴⁶.

De 18 a 23 de setembro de 1989, a FISC sediou a Quinta Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB.

Fotografia 33: Quinta Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira



Fonte: CEPA/UNISC

Para a comunidade acadêmica eram oferecidas palestras de arqueólogos de vários campos da arqueologia visando proporcionar conhecimento diversificado aos alunos do curso e da faculdade.

Às escolas eram ofertadas palestras a respeito da Arqueologia, um mostruário arqueológico acompanhado de histórico (nome da peça, técnica de confecção, utilização e contexto no qual se acha inserida) e assistência científica na formação de museus escolares por intermédio de um convênio entre o CEPA e a 6ª Delegacia de Educação⁴⁷. Quando o CEPA completou 6 anos de atividade, contabilizava 91 palestras⁴⁸ em colégios, clubes de serviço, universidades e comunidades.

⁴⁵PROF. Mentz Ribeiro participou de mais três congressos de arqueologia. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 34, n. 132, 14 out. 1978, p. 5.

⁴⁶ CEPA vai a encontro de arqueologia no Uruguai. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 35, n. 125, 30 out. 1979, p. 6.

⁴⁷ NOTICIA do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n. 71, 1 jul. 1975, p. 8.

⁴⁸ CEPA completa 6 anos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, 4 mar. 1980, p. 13.

Para a comunidade geral eram oferecidas exposições. Até o ano de 1985, o CEPA havia participado de “seis exposições, realizadas: uma durante a segunda Fenaf, uma durante a VI FECIERS e II FENACI e três no saguão das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul”. (GAZETA DO SUL, ano 41, n. 26, 5 mar. 1985, p. 6).

Os artigos “Notícia do CEPA”, na Gazeta do Sul e “Arqueologia em Foco” no Riovale Jornal eram periodicamente publicados com informações das pesquisas arqueológicas, palestras, visitas, cursos oferecidos do Cepa.

No jornal Gazeta do Sul (1974 a 1986) foram publicados 30 artigos da Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia e mais 61 matérias em que o Cepa foi notícia devido a suas atividades arqueológicas e participações de Ribeiro em Congressos.

Assim, divulgando as pesquisas arqueológicas através dos artigos no jornal, da Revista do Cepa, de palestras e exposições, o conhecimento arqueológico se difundia por toda a região do vale do Rio Pardo atingindo desde o cidadão com menos cultura, o aluno da escola primária até o da universidade e os colegas cientistas. Assim, o CEPA - como instituição científica da universidade - cumpria sua finalidade.

Com oito anos de pesquisa, em 1982, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - divulgou um relatório em que o CEPA se encontra entre as 21 instituições que fazem pesquisa arqueológica no país. Conforme o relatório, o CEPA é considerado um centro de pesquisa e aperfeiçoamento, pois possui um pesquisador com dedicação exclusiva e dois pesquisadores como bolsistas, um do CNPq e um da CAPES.

3.5 Da Arqueologia Acadêmica para Arqueologia Empresarial

Criado em 1974, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas foi o primeiro centro de pesquisas criado pela APESC com objetivo de proporcionar maior qualificação aos alunos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e oferecer cursos de extensão universitária. Ele realiza o objetivo desenvolvendo cursos e pesquisas, divulgando-as em congressos, em publicações em jornais e revistas, em exposições e assessorando escolas.

Cepa vem cumprindo com as suas finalidades, ou seja a de fazer ciência e cultura, pesquisando e com isso contribuindo para o desenvolvimento

científico do país e ensinando e, portanto, divulgando a Arqueologia além das 4 paredes da Faculdade, atingindo a comunidade dentro daquilo que a nova Universidade vem pregando (GAZETA DO SUL, n.27, ano 35, 6 mar. 1979, p.15.)

Pedro Augusto atuou no Cepa por vinte anos (1974 a 1994). Durante sua estada no Centro, foram registrados 663 sítios arqueológicos no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Roraima. Também há registros de sítios do Uruguai, da Argentina, do México, do Peru e da Bolívia. A arqueologia acadêmica possibilitava a realização de intercâmbios de museus e universidades ou de projetos de pesquisa, como a parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi para realizar estudo de material arqueológico de Roraima e o estágio de intercâmbio de estudante da Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro.

Durante o período da arqueologia acadêmica, foram desenvolvidas diversos estudos em sítios arqueológicos que resultaram em publicações na Revista do Cepa e comunicações em Congressos. Vale à pena destacar: a Redução Jesus Maria, a Aldeia São Nicolau, a de São Lourenço Mártir, o Abrigo Virador I, II e III e o abrigo de Garivaldino, além de sítios dos vales do Rio Pardo e Taquari. Uma primeira síntese “O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria” foi apresentada na PUCRS, Porto Alegre, como sua dissertação de mestrado (1981). Uma nova síntese, “Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil” foi defendida na mesma Universidade (1991) em sua tese de doutorado.

Após 20 anos de dedicação ao CEPA, Ribeiro passou a atuar na Fundação Universidade de Rio Grande (FURG), num período em que a arqueologia empresarial dava seus primeiros sinais. Apesar de a fase da arqueologia acadêmica, com objetivos científicos, estar se extinguindo, em parte, pela falta de recursos e pelo interesse das instituições acadêmicas por outras formas de atuação, o Cepa, nesta etapa da arqueologia acadêmica, cumpriu muito bem o seu compromisso de fazer ciência e de auxiliar no aprendizado dos alunos das Faculdades e na iniciação de profissionais da arqueologia. Vários bolsistas que atuavam no Centro continuaram os estudos tornando-se arqueólogos: por exemplo, o atual coordenador do CEPA, Prof. Dr. Sergio Klamt.

A arqueologia acadêmica, voltada para a produção de ciência e o treinamento de novos profissionais, também teve o seu tempo e seu prazo de validade na sociedade santa-cruzense.

Quando Sergio Klamt passou a coordenar o Cepa, a partir de 1995, assumiu o novo modelo de arqueologia: a arqueologia de contrato, ou arqueologia empresarial, voltada para os licenciamentos arqueológicos. Esta nova arqueologia exigiu adaptação no método de efetuar as atividades de campo e laboratório e uma nova forma de apresentar os resultados.

O curto período da vigência dos projetos é fator decisivo para menor aprofundamento das pesquisas, pois o arqueólogo está condicionado à entrega, em prazos muito curtos, de relatórios para a liberação do terreno para implantação das obras. Mesmo assim, esses projetos resultam em publicações e são favoráveis à pesquisa arqueológica, pois o seu custo é pago pelas empresas contratantes e não mais pela Academia ou órgãos públicos.

O primeiro projeto de arqueologia de contrato desenvolvido pelo Cepa estava ligado à Usina Dona Francisca. O sítio arqueológico Röppke deste projeto resultou nas teses de Sergio Klamt e André Luiz Ramos Soares. O projeto de licenciamento para as Pequenas Centrais Hidrelétricas CERAN, no Vale do Rio das Antas, ofereceu material para a dissertação de mestrado de Ademir José Machado.

Também, em projetos de restauro de prédios históricos o CEPA prestou assessoria regularmente: na Igreja Matriz de Santo Amaro, em General Câmara; no Colégio Militar de Rio Pardo; na Casa David Canabarro em Santana do Livramento; na Igreja Matriz de Viamão. E em execução está a do Museu Getúlio Vargas.

Assim, a arqueologia de contrato, ou empresarial, apesar de disponibilizar pouco tempo para a pesquisa e resultar em menor quantidade de publicações, ainda é favorável pois é a que possibilita a localização sistemática de novos sítios arqueológicos e seu resgate, ficando o material acondicionado nos centros de pesquisa para futuras indagações. Nesta segunda fase da arqueologia (empresarial) o centro completou em 2009, mil sítios arqueológicos catalogados.

Depois da produção de Cultura para a comunidade local por pessoas cultas desta Comunidade, depois da produção de Ciência para uma sociedade nacional por profissionais da Academia, chegara o tempo de salvaguardar o Patrimônio Nacional atividade feita predominantemente por Empresas de assessoria, constituídas especialmente, ou orientando para isto estruturas universitárias pré-existentes. Cada uma destas formas teve o seu tempo e seu prazo de validade na sociedade santacruzense.

CONCLUSÃO

A proposta foi mostrar como era desenvolvida a arqueologia no Vale do Rio Pardo por meio de duas instituições. O Museu do Colégio Mauá, ligado ao centenário Colégio Mauá, integrante da rede escolar sinodal e o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul, ligada à APESC, no contexto da arqueologia brasileira, segundo Mendonça de Souza. As instituições se enquadrariam, respectivamente, na segunda e na terceira fases – da passagem das pesquisas arqueológicas efetuadas pela comunidade para a institucionalização da pesquisa e do impulso popular à consciência de classe.

As duas instituições surgiram para atender carências comunitárias de sua época. O Museu Mauá foi criado em 1966 para criar cultura sobre a história da região e disponibilizá-la para a comunidade e para os turistas que vinham para a Festa Nacional do Fumo. Para isso criou um acervo, composto por diversas seções, que rapidamente foram crescendo com generosas doações da comunidade e a colaboração de cidadãos santa-cruzenses que atuavam no Colégio Mauá e dedicavam suas horas livres e de descanso às pesquisas: uma arqueologia feita pela comunidade para a comunidade.

O CEPA foi instituído em 1974. Ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o propósito de dar apoio à capacitação docente, ministrar cursos para o aprofundamento da disciplina de Antropologia Cultural e a Pesquisa Arqueológica. Coordenado por um profissional técnico e ligado a intuição de ensino superior. O CEPA desenvolvia uma arqueologia científica e se voltava para a formação de novos profissionais: uma arqueologia voltada para o país e para o exterior.

No início, como ocorria com outros museus da época, o acervo era composto por materiais doados por colecionadores, como recurso para informar os alunos do Colégio sobre a história da região. Posteriormente, com a colaboração do poder público, que via a necessidade de proporcionar à comunidade do Município e aos visitantes da primeira Festa Nacional do Fumo um espaço cultural, foi criado o Museu do Colégio Mauá. A partir deste momento, novas coleções são incorporadas ao Museu Mauá e são criadas as seções de Arqueologia, Paleontologia, Mineralogia, Etnologia e História com auxílio de pessoas de prestígio na comunidade e ligadas ao Colégio: o Professor Dr. Gastão Baumhardt e sua esposa, o Diretor Hardy Martin e Roberto Steinhaus, carpinteiro que

possuía vasta coleção de objetos arqueológicos. Com a dedicação destes integrantes e com a participação de voluntários o Museu estendeu sua pesquisa arqueológica para todo o vale do Rio Pardo e outras áreas do Rio Grande do Sul e também de Santa Catarina.

O acervo arqueológico do Museu do Colégio Mauá é composto por materiais de 1127 sítios arqueológicos, entre eles o da Redução Jesus Maria. Os achados eram divulgados com regularidade no jornal da cidade e as exposições tinham uma visitação absolutamente ímpar.

O trabalho de campo desenvolvido pela equipe era extremamente meticuloso. A riqueza nos detalhes das escavações e os registros realizados, especialmente, quando Gastão Baumhardt (1966-1970) compunha a equipe, possibilitaram a utilização desses documentos para a produção de trabalhos de alta representatividade científica.

Para suprir a falta de Gastão e adequar a pesquisa ao momento arqueológico nacional, em 1972, o Museu contratou Pedro Augusto Mentz Ribeiro, um arqueólogo com experiência de pesquisa acadêmica. Lá permaneceu até 1974, quando fundou o CEPA na UNISC. Apesar do curto período na equipe, sua contribuição foi perceptível no modo de desenvolver a pesquisa, registrar os sítios e materiais nas fichas de pesquisa.

Após a fundação do CEPA, o Museu passou a se dedicar a sítios arqueológicos selecionados como o de Amanda Barth, à História regional e à Paleontologia. E com o desaparecimento sucessivo dos fundadores da pesquisa arqueológica e a impossibilidade de uma adequação à nova tendência arqueológica nacional, o acervo já não tinha sentido para os mantenedores do Museu e foi transferido para o CEPA da UNISC.

O Museu teve um fantástico desempenho no seu momento histórico, de arqueologia-cultura, mas como qualquer instituição estava ligada a este momento.

Com a criação da universidade, a sociedade santa-cruzense buscava superar o nível de educação proporcionado pelos colégios. A sociedade evoluía e procurava adaptar-se a uma nova situação nacional. O Museu tinha tentado, sem sucesso, uma atualização em sua pesquisa, contratando um especialista. A arqueologia continuava tendo grande apelo comunitário e, por isso, foi colocada como carro-chefe na Faculdade

de Filosofia, Ciências e Letras, com a fundação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, em 1974.

O CEPA era coordenado por um especialista com dedicação exclusiva, com equipe formada por bolsistas e acadêmicos voluntários, que apresentavam seus resultados em congressos no país e no exterior e publicavam seus artigos na Revista do CEPA, de boa representatividade nacional. O CEPA foi reconhecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico como uma das 21 instituições que, no momento, realizavam pesquisas arqueológicas no país.

Com seu caráter acadêmico, sob coordenação de Ribeiro, ele registrou 663 novos sítios arqueológicos onde se destacam: a redução de Jesus-Maria, a aldeia missioneira de São Nicolau, a redução de São Lourenço Mártir, os abrigos do Virador I, II e III e de Garivaldino e numerosos sítios dos Vales do Rio Pardo e Taquari e foram tema da dissertação de mestrado e da tese de doutorado de Ribeiro na PUCRS.

Foram vinte anos de produtiva pesquisa acadêmica, arqueologia-ciência e, com a retirada do especialista responsável, também chegou ao fim. As duas décadas representam outra etapa no cenário nacional da arqueologia.

Com a década de 90, a arqueologia empresarial surge, no Brasil, voltada para o licenciamento - junto ao IPHAN - de espaços destinados a empreendimentos construtivos e se caracteriza como arqueologia-patrimônio. Neste contexto, a arqueologia acadêmica acaba perdendo espaço, restando aos centros a adaptação a este novo modelo de arqueologia. O CEPA, sob a coordenação de Dr. Sergio Klamt, passou a desenvolver a arqueologia empresarial e, através de projetos de licenciamento como o da Usina Dona Francisca, de Pequenas Centrais Hidrelétricas CERAN, ofertaram material arqueológico para dissertações e teses. Na arqueologia histórica acompanhou restauros de bens tombados como a Igreja Matriz de Santo Amaro de General Câmara, do Colégio Militar de Rio Pardo, da Casa David Canabarro em Santana do Livramento, da Igreja Matriz de Viamão e Museu Getúlio Vargas em São Borja.

Assim, a Arqueologia Comunitária desenvolvida pelo Museu do Colégio Mauá e a Arqueologia Acadêmica do CEPA tiveram seu período de existência. Cada uma com suas formas de fazer pesquisa e divulgar seus resultados. De acordo com as informações

da época realizavam as pesquisas com presteza e dedicação, resultado atualmente visível na união do acervo do Museu do Colégio Mauá e do CEPA, passando a compor um dos maiores acervos arqueológicos do Estado, principalmente, no que se refere a pontas de projétil.

Uma trajetória semelhante à da arqueologia de Santa Cruz do Sul deve ter-se repetido, com as devidas variações, em outros estados brasileiros.

REFERÊNCIAS

ACHADO raro em Dona Josefa: pote de barro com crâneo humano. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 23, n. 91, 6 dez. de 1967, p.1.

ATA de fundação: Instituto Anchietao de Pesquisas. Disponível em <<http://www.anchietano.unisinos.br/index1.htm>>. Acesso em: 20 agostos 2012

BAUMHARDT, Gastão. Rondon III. Projeto Rondon objetiva principio de integração. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 23, p.4, 22 mar. 1969.

BAUMHARDT, Gastão. No Museu do Colégio Mauá, o que o visitante pode ver em objetos da civilização indígena do Uaupés. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 27, p. contra capa, 5 abr. 1969.

BAUMHARDT, Gastão. Civilização uaupesiana: o ente misterioso Jurupari ou Wãx-ti e o instrumento que as mulheres não podem ver. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 29, p. 3, 12 abr. 1969.

CEPA no Uruguai. **Gazeta do Sul**, **Santa Cruz do Sul**, ano 33, n. 128, 29 out. 1977, p. 5

CEPA vai a encontro de arqueologia no Uruguai. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 35, n. 125, 30 out. 1979, p. 6

CEPA completa 6 anos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, 4 mar. 1980, p. 13.

CEPA três anos de atividades. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 59, p. 8, 21 mai. 1977.

CEPA: 5 anos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 35, n. 27, 6 mar. 1979, p. 15.

CEPA, 11 anos de conquista na pesquisa arqueológica. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 41, n. 26, 5 mar. 1985, p. 6.

COLÉGIO Mauá e Santa Cruz inteira choram a morte de Dr. Gastão Baumhardt. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n. 27, 4 abr. 1970 p. 2.

COLÉGIO Mauá. Disponível em < de <http://www.maua.g12.br/site/categoria/conheca-o-maua/institucional/> >. Acesso em 19 setembros 2012.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. Plataforma Lattes. Disponível em < <http://lattes.cnpq.br/>> Acesso em: 30 agosto. 2012.

Dr. GASTÃO Baunhardt voltou impressionado da Amazônia. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 16, 26 fev. 1969 p. contra capa.

ESTA rico o Museu do Mauá, foi o Rondon III. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 18, 5 mar. 1969, p. 1

HARDY Martin agora também no Instituto Histórico de São Leopoldo. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 79, 7 jul. 1977 p. contra capa

HARDY Martin é o presidente do Conselho Municipal de Cultura. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 34, n. 68, 10 jun. 1978, p. contra capa.

HISTORICO do Colégio Mauá. Disponível em <<http://www.maua.g12.br/site/categoria/conheca-o-maua/historico>>. Acesso em 19 setembro 2012.

HISTORIA da Excelsior alimentos. Disponível em <<http://www.excelsior.ind.br/pagina/história>>. Acesso em 22 setembro 2012.

INAUGURADO o Museu do Colégio Mauá. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, 22 de setembro de 1966, capa.

KIPPER, Maria Hoppe; NEUMANN, Roque Aloisio. **APESC: Uma história de desafios e conquistas**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2012. Disponível em <http://www.unisc.br/portal/upload/com_editora_livro/e_bookapesc.pdf>. Acesso em 15 julho 2013

MAUÁ, Um Museu Feito com Arte e Carinho. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 58, 23 jul. 1969, p.3.

MARTIN, Hardy E. Acontecimentos Históricos: Tratado de Tordesilhas. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 25, n. 62, 6 ago. 1969, p. 3.

MARTIN, Hardy E. E o nosso museu. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 27, n. 32, p.3, 22 abr. 1970a.

MARTIN, Hardy E. Breve prestação de contas. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n. 90, p. 3, 11 nov. 1970b.

MARTIN, Hardy E. Proveitoso fim de semana. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n. 56, p. 3, 15 jul. 1970c.

MARTIN, Hardy E. Museu do Colégio Mauá Presente na Mostra “Museológica Brasileira”. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n. 65, p.3, 15 ago. 1970d.

MARTIN, Hardy E. O Nosso Museu. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 27, n. 91, p. 3, 17 nov. 1971b

MARTIN, Hardy E. Cinco anos de Trabalho. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 27, n. , p. 3, 18 set. 1971a.

MARTIN, Hardy E. Museu continua crescendo. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 28, n. 73, p. 3, 16 set. 1972a

MARTIN, Hardy E. 11.253 visitantes. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 28, n. 25, p. 6, 29 mar. 1972b

MARTIN, Hardy E. Visita ilustre. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 29, n. 27, p. 5, 4 abr. 1973a.

MARTIN, Hardy E. Pontas de Flecha e Boleadeira de pontas. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 29, n. 4, p. 2, 13 jan. 1973c, . b

MARTIN, Hardy E. Também Aconteceu. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano. 29, n. 23, p. 10, 21 mar. 1973c.

MARTIN, Hardy E. Pode ser o maio sitio do RGS. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 29, n 65, p. 13, 18 ago. 1973d.

MARTIN, Hardy. Iniciada sensacional pesquisa arqueológica. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 31, p.2, 17 de abr. 1974.

MARTIN, Hardy E. Como foi descoberta a Redução Jesus Maria em Candelária. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 116, p. 2, 14 nov. 1974a.

MARTIN, Hardy E. 1600 pesquisas e 779 sítios arqueológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 2, p. 2, 5 jan. 1974b.

MARTIN, Hardy. Período Pré-cerâmico na região de Santa Cruz. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n. 81, p.2, 17 de jul. 1975.

MARTIN, Hardy E. 5000 pontas de flecha. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n.114, p. 2, 7 out. 1975a.

MARTIN, Hardy E. Missão nº 624. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 32, n. 141, p. 2, 2 dez. 1976.

MARTIN, Hardy. 1357km. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 32, n. 19, p. 2, 14 de fev. 1976.

MARTIN, Hardy. Urna Funerária. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 32, n. 20, p. 2, 17 de fev. 1976.

MARTIN, Hardy. Tigela extraordinária. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 32, n. 21, p. 9, 19 de fev. 1976.

MARTIN, Hardy E. Dois exemplos uma lembrança. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 124, p. 4, 20 out. 1977.

MARTIN, Hardy. Confiança. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 48, p.2, 23 de abr. de 1977.

MARTIN, Hardy. Encontro Sul- Riograndense de Museus. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 122, p. 10 . 15 de out. de 1977.

MARTIN, Hardy. Núcleo de Estudos Geológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 35, n. 46 p.13, 21 de abr. 1979.

MARTIN, Hardy. Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia, 1849-1859. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979. 139p.

- MARTIN, Hardy E. Arquivo Histórico. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 37, n. 75, p. 2, 30 de jun.1981.
- MARTIN, Hardy. Achados paleontológicos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 38, n. 97, p.2, 21 de ago. de 1982.
- MARTIN, Hardy. Pesquisa Paleontológica. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 38, n. 30, p.4, 16 de mar. 1982.
- MARTIN, Hardy. Museu: espetacular fossilizações.**Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 40, n. 103, p. 4, 29 de set. 1984.
- MARTIN,Hardy. Estudos Paleontológicos. I **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 40, n. 56, p. 2, 7 de jun. de 1984.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M. Os Petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil – Nota Prévia. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul n.1. 22 p. 1974
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M. Os Abrigos-sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil – Nota Prévia. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, n.2. 25 p. 1975
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M.A Redução Jesuítica de Jesus Maria, Candelária, RS – Nota Prévia. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, n.4. 60 p. 1976
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & HENTSCHKE, Oscar. Método para classificação de pontas-de-projétil e algumas aplicações práticas. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, n. 3. 7-71 p.1976.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M. **Manual de Introdução à arqueologia**. Porto Alegre. Editora Sulina, 1977. 63p
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M. O Tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a Redução Jesuítica de Jesus Maria. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, n. 10, 171p. 1981
- MENTZ RIBEIRO, P. A. M. Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul v. 18, n. 21. 192p. 1991
- MUSEU: Prefeitura assinou convênio com Mauá. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 22, n.103, 30 agosto1966, p.1
- MUSEU Mauá em publicação: arqueologia do Vale do Rio Pardinho. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 26, n.67, 22 ago. 1970, contra capa.
- MUSEU do Mauá descobre fragmentos fosseis de 180 milhões de anos. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 38, n.102, 2 set. 1982, contra capa.
- NOTICIA do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 30, n. 38, 3 out. 1974, p. 4

NOTÍCIAS do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n. 75, 3 jul. 1975, p 8.

NOTÍCIAS do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n. 120, 21 out. 1975, p.9.

NOTÍCIAS do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 31, n.57, 22 mai. 1975,p 9.

NOTÍCIA do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n.35, 24 mar. 1977, p.5.

NOTÍCIAS do Cepa. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 124, 20 out. 1977, p. 3

PROFESSOR Hardy Martin convidado a integrar o Conselho Estadual de Cultura. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 31, 15 mar.1977, p. 4.

PROF. Mentz Ribeiro na Argentina. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 34, n. 43, 11 abr. 1978, p. 7.

PROF. Mentz Ribeiro participou de mais três congressos de arqueologia. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 34, n. 132, 14 out. 1978, p. 5.

ROBERTO Steinhaus- galeria de fotos. Disponível em: <
http://hipermidia.unisc.br/santacruz24horas/media/galerias/roberto_steinhaus/index.htm
> Acesso em 22 setembro 2012

ROGGE,J.H. Adaptação na Floresta Subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. In: **Documentos 06**. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1996. p. 3-156.

SCHMITZ, P.I. Homenagens. In.: A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE. **Pesquisas**, Antropologia, n. 69, 2012.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Ítala Irene Basilde; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; BAUMHARDT, Úrsula; MARTIN, HardyElmiro; STEINHAUS, Roberto & BROCHADO, José Proenza. Arqueologia no vale do rio Pardinho (1 parte). **Pesquisas**, São Leopoldo. Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 23, 1970.

SCHMITZ,P. I., ARTUSI, L., JACOBUS, A. L., GAZZEANELO, M., ROGGE, J. H., MARTIN, H., BAUMHARDT, G. Uma Aldeia Tupiguarani. Projeto Candelaria, RS. **Documentos 4**. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990. 135p.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da Arqueologia Brasileira. **Pesquisas**, Antropologia nº 46. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/EDUNISINOS, 1991, p.157

TOILLER, Osvino. Roberto Steinhaus: memória viva. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 67, n.244, 8 nov. 2012. Disponível em: <http://www.gaz.com.br/gazetadosul/noticia/>> Acesso em: 22 setembro 2012.

UMA visita ao Chile sempre vale a pena. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, ano 33, n. 134, 12 out. 1977, p. 11.

ANEXO 1 – Tabela 01 – Missões Pesquisas e sítios arqueológicos Registrados no Museu do Colégio Mauá (1966-1986)

Tabela 1 – Missões, Pesquisas e sítios arqueológicos Registrados no Museu do Colégio Mauá de 1966 a 1986 (continua)

L ^a	Município	Sítio	Pesquisa	Doação	Missão	Ano																				
						1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
45	SCS	42-12	1	0	0	x																				
46	SCS	44-2	1	0	0	x																				
47	SC	45-0	3	3	0	x		x																		
48	RP	46-1	1	1	0	x																				
49	RP	47-1	2	1	0	x																				
50	AG	48-0	1	1	0	x																				
51	AG	48-1	1	0	1	x																				
52	AG	49-2	1	1	1	x																				
53	AG	50-0	1	1	1	x																				
54	AG	51-1	1	1	1	x																				
55	AG	52-2	1	1	1	x																				
56	AG	53-2	1	0	1	x																				
57	AG	54-1	1	1	1	x																				
58	AG	55-2	1	1	1	x																				
59	AG	56-3	1	1	1	x																				
60	SCS	57-1	1	1	0	x																				
61	SCS	58-12	2	2	0	x																				
62	SCS	59-13	2	1	1	x		x																		
63	SCS	61-1	1	0	0	x																				
64	SCS	62-0	1	1	0	x																				
65	SCS	63-0	1	1	0	x																				
66	SCS	64-1	1	0	0	x																				

AG: Agudo SCS: Santa Cruz do Sul RP: Rio Pardo SC: Santa Catarina

Tabela 1 – Missões, Pesquisas e sítios arqueológicos Registrados no Museu do Colégio Mauá de 1966 a 1986 (continua)

L ^a	Município	Sítio	Pesquisa	Doação	Missão	Ano																				
						1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
111	VC	105-1	1	1	0		x																			
112	VA	107-5	1	1	0		x																			
113	VA	108-1	1	1	0		x																			
114	VA	109-2	4	1	2		x							x			x									
115	VC	110-1	1	1	0		x																			
116	OS	111-1	5	3	1		x	x					x													
117	VA	112-0	1	1	0		x																			
118	VC	113-12	1	1	0		x																			
119	VC	114-13	1	1	0		x																			
120	VA	115-1	1	0	0		x																			
121	VC	116-2	8	3	5		x			x	x															
122	VC	117-3	1	0	0		x																			
123	VC	118-4	2	1	0		x																			
124	SCS	120-26	1	1	0		x																			
125	SCS	121-1	4	2	2		x	x		x	x															
126	SCS	122-27	1	1	0		x																			
127	VC	123-1	1	1	0		x																			
128	VC	129-0	1	1	0		x																			
129	VA	124-1	1	1	0		x																			
130	VA	125-2	1	1	0		x																			
131	VA	126-1	1	1	0		x																			
132	CD	423-1	30	19	18		x	x	x	x	x		x	x		x		x								

VA: Venâncio Aires CD: Candelária SCS: Santa Cruz do Sul VC: Vera Cruz RP: Rio Pardo OS: Osório

MARINA AMANDA BARTH – Arqueóloga e Historiadora - graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/2008), Mestra em Estudos Históricos Latino-Americanos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/2013).

A autora iniciou suas atividades no ramo arqueológico ainda na graduação quando atuou como bolsista de 2005-2008 no Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS. Esteve vinculada aos projetos de intervenção arqueológica: Igreja Matriz de Santa Amaro, General Câmara, RS; Casa David Canabarro, Santana do Livramento, RS; Acompanhamento arqueológico na RST 471.

No período da graduação atuou na Rede Pública de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul e Município de Vera Cruz. Foi coordenadora do Museu Municipal Emilio Osmundo Assmann de Vera Cruz, RS onde proporcionou à comunidade a possibilidade de conhecer e reconhecer a identidade cultural e histórica do Município e região, através de exposições temáticas no museu e de atividades de educação patrimonial como o Projeto Raízes desenvolvido pelos alunos de escolas municipais.

A partir de 2009, passou a atuar - durante 20h semanais - como Assistente de Pesquisas Arqueológicas do CEPA nos projetos: Museu Getúlio Vargas, São Borja, RS e Parques Eólicos em Santana do Livramento. Além da dedicação ao Centro, a autora atua no ramo da arqueologia patrimonial prestando serviços de licenciamento arqueológico com portarias publicadas. Seu currículo está disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1260791621215214>

Contatos para orientações e elaboração de projetos de Licenciamento Arqueológico e Educação Patrimonial para escolas e empresas: (51) 9856 3231 – bartharqueologia@yahoo.com

Publicações da autora:

BARTH, M. A. Arqueologia: Ação Comunitária ou Ciência Acadêmica. Revista do CEPA, edição especial 40 anos, v. 30, 2014.

BARTH, M. A. ; SPINDLER, G. W. ; KIST, B. B. . Da Caixa Rural à Sicredi: Rumo ao centenário do cooperativismo de crédito no Vale do Rio Pardo. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2014. 162p .

KLAMT, S. C. ; **BARTH, M. A.** . A CONFECÇÃO DE FORNOS À LENHA NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO NA SERRA GAÚCHA. Revista do CEPA, v. 29, p. 1, 2013.

BARTH, M. A. ; DUMMER, C. ; SILVEIRA, M. ; SKOLAUDE, M. S. . VERA CRUZ TEMPO, TERRA E GENTE. 1. ed. VERA CRUZ: LUPAGRAF, 2009. v. 1000. 119p .

KLAMT, S. C. ; Machado, A. J. ; **BARTH, M. A.** . A VIDRARIA NA ÁREA DO FORTIM E/OU DO ARMAZÉM DE VÍVERES. In: Sergio Celio Klamt; André Luis Ramos Soares. (Org.). Santo Amaro: arqueologia e educação patrimonial. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010,

